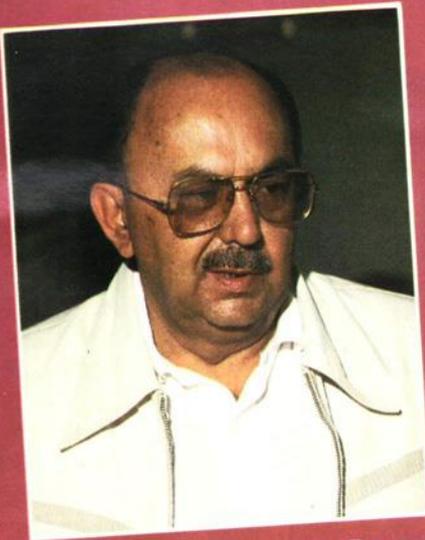


EDITORA ATO – ANO IV N.º 25
FEVEREIRO DE 1985 – Cr\$ 3.500

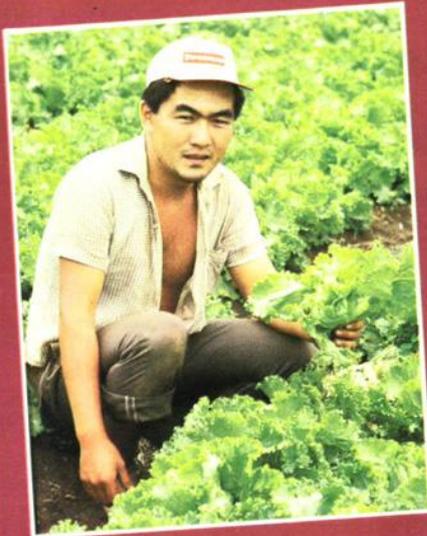
ato



**O retorno do
vice Waltely**



**Lucy e o
reino da moda**



**O atraente
filão da alface**



A Cami, perto do fim

PREÇOS MAIS BAIXOS

Completa linha de material escolar,
todos os livros didáticos exigidos nas escolas,
material técnico para arquitetura e engenharia,
por preços realmente mais baixos:
só a Spot pode oferecer isto!

E tem crediário também.

spot
papelaria

Representante exclusivo da FAE (Fundação de Assistência ao Estudante)
Ministério da Educação e Cultura.

R. Dr. Paulo Frontin, 233 – Fones 469-3022/7364 – Mogi das Cruzes
R. Alfredo Schurig, 232 – Fone 51-1988 – Jacareí

ABERTURA

O 24.º número de ATO chega às bancas na véspera de mais um Carnaval e para falar dele foi escalado o mais antigo Rei Momo do Brasil, **João Benegas Ortiz**, que considera o evento como uma grande festa democrática. Na sessão *Gente*, fomos ouvir o comerciante **Sérgio Lunardi**, que desde o final dos anos 70 iniciou em Ubatuba, no Litoral Norte, uma bem sucedida escalada empresarial. Nessa parte, ATO, aproveitando a eleição da nova miss Mogi, a morena **Amaryldes**, quis saber o que pensam hoje dos concursos de beleza duas antigas detentoras do cetro máximo da beleza mogiana. Há mais: o enfermeiro que inventou **um novo modelo de maca** e o agricultor que descobriu **um autêntico ovo de Colombo** – um tipo de alface crocante vendido à rede McDonald's de lanchonetes. *Economia e Negócios* traz um alentado e diversificado material: a venda do patrimônio da **Cooperativa Agrícola Mista de Mogi das Cruzes**, sufocada por dificuldades financeiras, a história da primeira **butique de legumes** da cidade, o segredo da família **Shibata**, que se prepara para mais uma vez ampliar o supermercado que hoje domina toda a clientela da zona nobre da cidade, a nova tendência entre os **restaurantes**, a comida vegetal, e a modista **Lucy Oeij**, que conta sua vida e seus negócios.



O vice Waltely

A parte política da presente edição fica por conta do ex-prefeito **Waltely Aquino de Oliveira** e seu retorno à Prefeitura. Ele explica os motivos que o levaram a essa decisão, após afastar-se do atual governo por não concordar com seus métodos e metas. A área política também deu motivo para outra reportagem da sessão: o **grupo dos 5**, que perde espaço e força para o esquema do prefeito, a quem vários de seus membros estão aderindo. Finalmente, um pequeno, diminuto resumo **dos dois primeiros anos** da atual administração – realmente, ela pouco ou nada fez. Convidado para falar sobre esse período, o prefeito da cidade marcou entrevista, mas a cancelou em cima da hora, não concordando também em posar para uma foto junto ao seu vice.

A parte política nacional é bem mais animadora e com ela ATO apresenta o senador **Fernando Henrique Cardoso**, uma das personalidades mais importantes da nova fase vivida pelo Brasil. Político novo, sem os cacoetes que fazem o perfil da vasta, imensa maioria de seus companheiros, o senador, talvez o acadêmico com trajetória mais brilhante em todo o país, fala do novo Brasil - de todos os nossos sonhos, a Nova República.

F.L.

LEIA

NUCLEAR

*Um especialista mostra quais serão as chances da humanidade depois de um ataque nuclear. Faltarão médicos e hospitais, garante ele. **Página 19***



*O senador **Fernando Henrique Cardoso** e o que ele está esperando do novo Brasil que se iniciou com a derrubada do Colégio Eleitoral. **Página 15***



*As nossas históricas construções de taipa, uma marca importante que a cidade aos poucos vai perdendo. Em grande silêncio. **Página 23***

BANCOS

*A grande ofensiva dos bancos para tornar cada vez mais automatizados os serviços que prestam aos seus clientes. É uma guerra. **Página 22***



*Sérgio Lunardi deixou Mogi e está construindo, em Ubatuba, uma carreira empresarial cujo próximo passo será a construção de um hotel. **Página 25***

E

Cartas	4	Gente	24 e 25
Cidade	28	Negócios	6
Cultura	29	Opinião	34

Painel	5
Panorama	15 a 22
Política	31 a 33

Fotos de capa: Marcos Lima



Um ano ruim



Quero cumprimentar a revista ATO pela retrospectiva do ano feita na edição que circulou nos primeiros dias de janeiro. Realmente foi um trabalho de fôlego, útil não só para se rever o ano que passou, mas

para se guardar tendo em vista futuras consultas. A missão do jornalismo, na minha opinião, não é apenas a de formar opiniões, mas também descrever situações, informar. Assim, por mais que o jornalismo opinativo seja importante, também é fundamental a correta descrição dos fatos. Creio que ATO vem cumprindo bem sua missão e aproveitou o momento para sugerir que a revista se utilize mais de grandes reportagens. Um bom assunto, a meu ver, seria o esporte: como se sabe, temos grande potencial – agora mesmo a revista nos mostrou as revelações Neusa, do basquete, e Patrícia, do vôlei – mas, infelizmente, não dispomos de infraestrutura e decisão, o que faz Mogi perder seus jovens valores para outras cidades.

*José Magalhães de Souza Jr.
Mogi das Cruzes*

Mais estrelas

ATO prestou um bom serviço ao esporte mogiano ao mostrar a jogadora Neusa, pivô da Seleção Brasileira, que é mogiana, coisa que pouquíssimos sabiam. Nessa mesma reportagem intitulada "Mais estrelas" a revista apresentou ainda a menina Patrícia, que joga atualmente nas equipes inferiores da Pirelli e deve crescer ainda bastante. Reportagens assim servem de estímulo aos nossos melhores atletas, que devem e merecem ser prestigiados.

*Sônia Pompeu Nasareno
Mogi das Cruzes*

A noite mogiana

Meus cumprimentos pela oportuna reportagem sobre os bares e restaurantes

mogianos, enfim, sobre a noite de nossa cidade.

*Marisa Möeler Santos
Mogi das Cruzes*

Achei excelente o trabalho desvendando as atrações da noite de Mogi das Cruzes. Parabéns.

*Sérgio Rivardi Jr.
Mogi das Cruzes*

Libertação sem marxismo

Muito oportuna a entrevista feita com o bispo diocesano d. Emílio Pignoli, pois ele tocou na polêmica Teologia da Libertação, explicando mais uma vez a posição da Igreja de que o marxismo é totalmente dispensável.

*Adriano M.C. Ponth
Suzano*

Tancredo ou Maluf

A despeito das críticas endereçadas ao deputado Paulo Maluf por parte de Maria P. Rudge, Cleyde Salgado Matins e Josenilo Alves (ATO 22), esclareço que: o sr. Paulo Maluf foi o governador que mais fez pela nossa região, enquanto que outros que ficaram na berlinda do Palácio, como o sr. Montoro, ficaram fazendo política e esquecem-se que em nossa língua existe a palavra "administração". Vamos deixar o coração de lado e pensar na razão.

*Ariovaldo Pereira Nunes
Suzano*

Correção

ATO deixou de creditar em sua edição de janeiro as fotos sobre segurança e polícia que saíram em sua capa. Elas são do arquivo do **Diário de Mogi**.

*Cartas para ATO,
Rua Capitão
Manoel Caetano, 203,
Mogi das Cruzes
CEP 08700 – SP.*

Diretor
Márcio de Paula

Diretor Administrativo
Benedito Wilson de Freitas

Editor Responsável
Fernando Leal

Diagramação
Dirceu Roque de Sousa

Produção Gráfica
Mário Tadeu Rosas e Marina Aranha Magalhães Alcoba

Publicidade
Antonio Candido

Circulação
Edson Pereira

Redação
Fernando Leal, Vanice Assaz, Dirceu Roque de Sousa e Marcos Lima.

Colaboradores
Carlos Chagas (**Brasília**), Roberto Godoy e Wilson Marini (**Campinas**), José Carlos Santana (**Londres**), Darwin Valente, EME, Lenilde Pacheco, Denise Caboclo, Fátima Fonseca e Milton Pelegrini (**Mogi das Cruzes**), José Roberto de Alencar (**Rio de Janeiro**), Amado Neto e Flávio Nery (**São José dos Campos**), Berenice Guimarães, Carlos Soh, Clóvis Garcia, Efigênia Menna Barreto, Floreal Rodrigues Rosa, Francisco Augusti, João Pires, José Fernando Lefcadito Álvares, Leonor Amarante, Luciano Dias Pires Filho, Luís Fernando Emediato, Luiz Nassif, Maria Inês de Camargo, Mariângela Alves de Lima, Renato Lombardi, Rubens Ewald Filho, Sérgio Vaz e Vital Bataglia (**São Paulo**).

Não aceitamos matérias redacionais pagas.

ATO é uma publicação mensal da Ato Editora e Publicidade Ltda., Av. Nazaré, 1.054, telefone: 914-2377, CGC 46249439/0001-53, São Paulo, Capital. Redação, publicidade e correspondência, R. Capitão Manoel Caetano, 203, Mogi das Cruzes, telefone: 469-0502, SP. Registrada na Divisão de Censura do DPF sob número 2.305 – P. 209/73. ATO é distribuída gratuitamente por mala direta e também vendida em banca. Circulação: Mogi das Cruzes e região. Tiragem desta edição: 15 mil exemplares. Composição: Takano Artes Gráficas Ltda. Fitolito e Impressão: Ato Editora e Publicidade Ltda.

Suzano vai perder o cine Saci

O município de Suzano poderá ficar sem o seu único cinema. O antigo prédio do Cine Saci – propriedade de uma família tradicional da estância turística de Poá – encontra-se a venda pela quantia aproximada de Cr\$ 1 bilhão. O Unibanco é o principal interessado na aquisição do imóvel. Com o provável fechamento do negócio, o cinema inaugurado em 1958 poderá dar lugar a mais uma agência bancária na cidade.

Grande, mas pouco presente

A Prefeitura de Mogi tem, sem dúvida, uma das maiores assessorias de Comunicação e Divulgação de todo o Estado se for levado em conta o tamanho do município. Ela conta com quatro assessores de imprensa, que recebem salário mensal em torno de Cr\$ 1 milhão. Além dos jornalistas Henrique Fernandes Xavier e David de Lima Boz, que tem como chefe na assessoria Roberto Monteiro, todos divulgando notícias junto à imprensa local, há um quarto nome, o do jornalista Alfredo Motta Júnior, encarregado pela divulgação junto aos órgãos de imprensa da Capital. Desde que foi criada, no início de 83, ATO pode contar nos dedos de uma mão as vezes em que recebeu material oficial dessa assessoria.

Em leilão, os restos da Equaven



Equaven: leilão para pagar ex-funcionários

Com o objetivo de arrecadar recursos para o pagamento dos ex-funcionários da Equaven – Indústria, Comércio, Importação e Exportação Limitada, será realizado leilão de todos os bens móveis da massa falida da empresa. Pelo menos do que restou de um lote de mais de 270 máquinas e móveis, após três furtos sucessivos ao prédio abandonado da indústria. O leilão foi convocado com o término de um trabalho de reavaliação desse patrimônio efetuado em meados do ano passado por um corpo de peritos e oficiais de Justiça designados pelo juiz titular da 3.ª Vara Cível do município, Messias José de Melo Souza.

Prefeitura esquece convênio

Ninguém entendeu, mas o prefeito assinou um ofício, no mês passado, endereçado ao frei Johannes Jacobus de Jong, o conhecido Frei Inácio, informando ao religioso que a Prefeitura tem recebido várias faturas de fornecimento de energia elétrica do Museu de Arte Sacra, e que, "atendendo a preceito constitucional", o Executivo não poderia arcar com essa despesa. Até aí tudo bem, só que existe um convênio assinado entre a Prefeitura, o Iphan, a Diocese, a Província Carmelitana de Santo Elias e a Ordem Terceira do Carmo para a manutenção do Museu, que diz claramente em sua quinta cláusula: "Compromete-se a Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes a providenciar o pessoal necessário à guarda e ao funcionamento do Museu, responsabilizando-se pelos encargos respectivos, e bem ainda pelo pagamento das despesas vencidas e vincendas decorrentes de consumo de energia elétrica e de água." O convênio, certamente foi esquecido.



Santa Maria: podendo chegar ao litoral Norte

Uma nova estrada para o litoral

Além de contatos junto ao governo Montoro para a concessão de uma linha de ônibus ligando Mogi ao litoral Norte pela precária estrada Salesópolis-Pitas – percurso a ser coberto pela Santa Maria Viação, de propriedade do empresário Waldemar Scavone –, o deputado federal Marcondes Pereira movimentou-se em torno da abertura de mais um acesso às praias: a provável recuperação da estrada Porto Novo-Salesópolis, mais conhecida na região como Estrada da Petrobrás.

O Secretário dos Transportes, Adriano Murgel Branco, vistoriou a estrada acompanhado pelo deputado federal – cujo reduto concentra-se justamente no litoral Norte e parte do Vale do Paraíba –, constatando a viabilidade da obra mediante um consórcio entre sua pasta, a Petrobrás, a Embratur e a Portobrás – empresa responsável pelo porto de São Sebastião. O consórcio amenizaria o alto custo dos serviços, orçados pela Secretaria em aproximadamente Cr\$ 200 bilhões.

O Pícaro ataca no colunismo

O recém-lançado tablóide *Pícaro*, empreendimento comandado por Luci Suzuki, o poeta ilustrador Castilho, Jairo Máximo e Jorge Beraldo ainda promete muitas surpresas para o público mogiano, que se espantou com a linguagem irreverente dos primeiros números. A publicação anuncia agora o lançamento de uma coluna social na linha do jornal. Segundo a direção, *Pícaro* trouxe para a nova sessão um profissional de Sertãozinho do Tietê, o que já dá bem uma idéia de como será o estilo da coluna. O novo veículo de comunicação da cidade tem como linha editorial mostrar a verdade, estando aberto para todos os grupos e movimentos culturais. Um dos que se surpreenderam com o jornal foi o vereador Ivan Siqueira. Ele, na verdade, chegou a indignar-se. Não foi o único.



Pícaro: surpreendendo pela sua irreverência

MODA

A dama do estilo

Lucy Oeij, uma profissional sempre buscando novas tarefas

As raízes nobres e a sofisticada educação recebida pela indonésia Lucy Oeij em colégios holandeses não impediram que ela enfrentasse com muita coragem e determinação os problemas e dificuldades que sua família teve logo que chegou ao Brasil, há 22 anos, quando deixou a Indonésia por problemas políticos. Hoje, aos 42 anos, depois de muito trabalho e de decisões marcantes, própria de sua personalidade forte, Lucy é conhecida em toda Mogi como a "dama da moda". Dona de três butiques na cidade, em uma em Suzano e ainda com vários planos em elaboração, ela é uma mulher extremamente ativa, inteligente, que encontra tempo para acompanhar todas as fases da moda, os acontecimentos mundiais, ouvir e falar com as amigas, cuidar da casa e dos três filhos e ainda curtir os requintes da cozinha indonésia na chácara de Guararema, onde passa os fins de semana. Numa tarde de trabalho, em meio a telefonemas, conselhos de moda a freguesas e comandando o trabalho de suas funcionárias, Lucy contou a ATO como formou suas lojas e qual a filosofia que segue no mundo da moda:

ATO – Você chegou ao Brasil com 20 anos e teve de enfrentar muitos problemas. Como foi este início de vida aqui?

LUCY – Nós morávamos em uma ótima casa, mas eu não podia ver meus pais sofrerem problemas econômicos sem fazer nada e resolví ir à luta. Procurei trabalho num *atelier* de alta costura na rua Augusta. Eu sempre estudei coisas ligadas à moda e achei que era este o caminho. No *atelier* consegui um lugar de ajudante da ajudante porque eu não tinha prática de costura. O que eu ganhava mal dava para pagar o ônibus. Trabalhei lá durante oito meses e no sexto mês já era chefe, mas saí porque a dona não tinha visão e preferi montar meu próprio comércio. Foi um sucesso e trabalhei assim até 66, durante três anos. Eu tinha ótimas amizades, freqüentava lugares e pessoas incríveis, e costurava para a mais alta sociedade. Quando o presidente De Gaulle veio ao Brasil fiz os vestidos de muitas francesas para as recepções.

ATO – Depois disso você casou e sua vida mudou totalmente. Foi uma imposição ou uma decisão sua?

LUCY – Eu casei porque quis e decidi ser granjera aqui em Mogi porque quis também. Nós tivemos três granjas, em Mogi, Suzano e Guararema e elas não estavam indo bem por isso decidi ajudar meu marido. Nesse tempo fiz de tudo: cuidei de pintinhos, preparei fubá, tive meus três filhos, trabalhei com meu marido porque era nossa vida e porque era o que eu queria na época. Depois a vida melhorou, vendemos as granjas e eu comecei a pensar numa butique, em algo ligado à moda porque era o que



Lucy: agora, as próprias criações

eu sabia fazer, o que eu gostava e sabia que faria bem feito.

ATO – Mas não era um projeto arriscado para aquela época, início da década de 70?

LUCY – Acho que era e até meus amigos avisavam que uma idéia dessas não daria certo em Mogi das Cruzes. Mas aceitei o desafio e resolvi fazer e trazer para cá a moda que eu gostava, com uma filosofia jovem, trazer a moda-Rio, que era mais arrojada. Montei a loja na rua Coronel Souza Franco e surpreendi muita gente com as roupas que oferecia.

ATO – Mas suas surpresas para os consumidores mogianos não pararam por aí. O que veio depois?

LUCY – Surgiu a época da moda lixão, o que me deu a idéia de uma nova loja e montei na rua Paulo Frontin a "Lixo do Luxo da Lucy", que seguia as tendências de uma moda que ganhava São Paulo e Rio de Janeiro, algo que não deu certo em Mogi, devido à mentalidade das pessoas daqui naquela época. Mas essa segunda loja foi novidade também em termos de ponto de comércio. Muitos mogianos dizem que eu sempre esquento pontos e acho que é uma verdade. Quando fui para a Paulo Frontin lá não havia nada e ninguém acreditava em outro local a não ser a Deodato. Lá então eu montei a Lucy Shop's, que tem a filosofia jovem e de uma moda acessível, bem ao gosto da juventude que freqüenta e circula por aquela rua todos os dias. Aqui na rua Coronel Souza Franco, já um segundo local, continuei com a Lucy Butique, oferecendo uma moda mais exclusiva e fina.

ATO – Em 82 você resolveu abrir uma loja em Suzano. Algum motivo especial a levou para lá?

LUCY – Só um motivo: sempre tive fre-

guesas daquela cidade e elas não cansavam de insistir que eu deveria abrir uma loja lá, para facilitar as compras delas e também porque o mercado estava aberto para minhas idéias. Lá também montei uma loja de moda jovem, uma segunda "Lucy Shop's".

ATO – Depois de tudo isso chegou a vez da "3 RO", a sua última loja, aberta no ano passado. Ela é dirigida a quem?

LUCY – A "3 RO" é filha da atual situação econômica do país. Minhas lojas sempre têm uma filosofia e uma personalidade pensada, idealizada. Nessa última loja, na rua Braz Cubas, que aliás também está-se transformando em corredor comercial - tenho uma moda jovem mais barata, onde só ganho pelo rápido giro de capital. Ofereço uma moda dentro da cabeça do jovem de hoje. São roupas dentro da moda, de boa qualidade e cujos preços permitem que os jovens acompanhem a moda. Muitos não acreditam como posso vender tão barato, mas eu não sou uma comerciante que vende roupas, eu gosto é de criar moda e criar soluções para que todos possam usá-la. Foi uma loja também pesquisada em vários locais e atende aos últimos gritos da Europa, especialmente Londres, com muita cor e até televisões para os vídeo-clips.

ATO – Mas esta loja é especial também para seus filhos, não é?

LUCY – Eu quero que meus filhos, adolescentes de 15, 16 e 17 anos valorizem o dinheiro e a vida e por isso os três serão encarregados da loja e vão ganhar suas comissões. Mas vai ser destas comissões que eles retirarão seus gastos, inclusive pagar suas escolas. Eu impus isso e acho que é uma decisão e um caminho que pode ou não dar certo. Depois que eles tiverem 21 anos e já forem adultos farão o que quiserem. Acho que a responsabilidade será ótima para os três.

ATO – Qual foi a receita para conseguir o comando dessas quatro lojas controlando tudo, compras, estoque, pesquisa?

LUCY – Não sei bem porque deu tudo certo até agora, mas acho que muito importante em tudo sempre foi o meu positivismo. Também é porque faço o que gosto e sei que sou privilegiada por isso. Outra coisa é que sempre soube acompanhar as diversas épocas. Seguei a crise acompanhando-a, então hoje só tenho seis roupas de seda, mas tenho duzentas de algodão.

ATO – Há planos de novas lojas ou outras idéias?

LUCY – Logo que eu puder vou é fazer minhas criações, desenvolver minha capacidade em moda. Sou estilista, figurinista e modelista. Algumas pessoas sabem disso e até já usaram criações minhas. É meu sonho, desenvolver tudo isso que venho aprendendo através dos anos, produzir e colocar minhas criações nas melhores casas do Brasil. ●

Continua o SACOLÃO DA ECONOMIA.

Exclusivamente no Posto de Abastecimento Escolar da LivroeTon.

Com o SACOLÃO DA ECONOMIA você tem todos os livros e todo o material escolar num só local, com os preços mais em conta da região e tudo em 3 pagamentos iguais sem juros. Vai sobrar mais para as outras despesas iniciais do seu ano escolar.

Uma promoção para professor algum reprovar

PRÉ
PRIMÁRIO
GINASIAL
UNIVERSITÁRIO
SUPLETIVO
CURSINHOS



A LivroeTon agradece à Creche Santana, Instituição Mogiana de Assistência Social pela Colaboração.

Todos os livros recomendados para todos os cursos para todas as séries diretamente das editoras e mais tudo isto:

Apontadores
Aquarelas
Borrachas
Cadernos
Calculadoras
Cola Branca
Cola em Bastão
Cola Plástica
Compassos
Canetas Esterográficas
Canetas Hidrográficas
Esquadros
Estojo Escolares
Estencil
Fitas Adesivas
Fitas Crepe
Grafites
Guache de Todas as Cores
Lápis Preto Comum
Lápis para Desenho, em Várias Durezas
Lápis-Borracha
Lápis Cera
Lápis de Cor c/6
Lápis de Cor c/12
Lápis de Cor c/24
Lapiseiras
Mapas-Molde
Massa p/ Modelagem
Papel Sulfite
Papel Rascunho
Pastas
Pastas c/Elastico
Pincéis de 0 a 12
Pranchetas
Régua c/Escala
Régua Transparentes
Régua Geométricas
Régua T
Transferidores
Tinta Mágica
Tesouras
e Mais Dezenas de Miudezas.

GRÁTIS

Qualquer compra acima de Cr\$ 25.000,00, você ganha um cupon para concorrer a:

- 1 moto CG 125
- 1 caiaque
- 1 Atari

Aberta diariamente
até às 8 da noite

LIVROETON

Posto de Abastecimento Escolar - Rua Dr. Deodato Wertheimer, 1500 - Fone: 469-7575 - Mogi das Cruzes



O supermercado, no início, apenas uma pequena porta

EXPANSÃO

Calçando os passos

Os irmãos Shibata deixaram o campo para se dedicar ao comércio. Montaram um supermercado que cresce muito

Distante de todas as previsões pessimistas de amigos e conhecidos da família, o Supermercado Shibata, instalado no bairro do Socorro, deverá, durante este ano, ampliar em mais 60 por cento a sua área de vendas, alcançando quase 2 mil metros quadrados de construção. Fundado em novembro de 76 pelos irmãos João, Antonio e Paulo Shibata, o supermercado não foi o pioneiro do bairro, que na época ainda mantinha ruas de terra e não deixava a impressão de que crescerá tanto e se transformaria numa das mais desenvolvidas regiões de Mogi das Cruzes.

A nova ampliação elevará em mais de 800 metros quadrados a área do supermercado e é, no raciocínio de João Shibata, uma das formas mais corretas de se combater a crise. "Para lutar contra as atuais dificuldades que cercam o país e seu povo acreditamos que a receita ideal é trabalhar mais, crescer, ampliar os negócios. Nós nunca enfrentamos a crise, procuramos é sair dela", ensina ele.

Esta visão otimista sempre acompanhou João e seus irmãos, desde o tempo em que os três ajudavam os pais na lavoura da família, no bairro Remédios, em Salesópolis, onde ele trabalhou durante 20 anos, até 73, quando, formado em Economia e Administração de Empresas, foi ser estagiário na Volkswagen. "Fiquei quatro anos na indústria automobilística e depois resolvi realizar um sonho de criança, que era ter um supermercado e também concretizar a vontade de meu pai, que era ver os seus três filhos trabalhando juntos", conta João.

A escolha do Socorro não seguiu nenhuma pesquisa de mercado ou uma intuição mais forte de que o bairro crescerá muito. Simplesmente a família Shibata, temerosa de que a construção da barragem de Ponte Nova pudesse causar a desapropriação da área de plantio em Salesópolis, há havia comprado um terreno em Mogi, justamente onde hoje está o Supermercado Shibata, na avenida São Paulo. O início foi com uma área de 250 metros quadrados logo dupli-

cado em 1980. Três anos depois foi a vez da construção e ampliação para a instalação da panificadora, um setor hoje quase que obrigatório nos supermercados. No ano passado o Shibata ganhou mais 270 metros quadrados e um amplo estacionamento, obra indicativa do crescimento do bairro e da freguesia do supermercado, que é formada por consumidores de toda a cidade.

"Quando começamos, o Socorro já tinha três supermercados e todos nossos amigos e conhecidos não acreditavam que nossa ideia fosse dar certo. Começamos com duas caixas e hoje temos 18. Fomos crescendo com o bairro e temos o lema de reaplicar, reinvestir todo o lucro possível no próprio supermercado".

É por isso que os Shibata acreditam que a crise econômica não os surpreendeu, "inclusive acho que ela nos ajudou", explica João, afirmando que o entusiasmo e a força de trabalho, aliados à criatividade que as dificuldades fazem surgir, são as armas mais eficientes contra os problemas gerados pela crise. Para ele, o homem é um ser insaciável mas que se acomoda facilmente e é contra esta estagnação que luta com seus irmãos. "Nós queremos é ir preenchendo os vazios que percebemos, lutando sempre para melhorar. É por isso que não paramos, estamos sempre buscando novas ideias,



Shibata: crescer com segurança

participando de convenções, observando e aprendendo tudo que existe de inovação no nosso setor".

Uma rede de supermercados ainda não faz parte dos planos dos Shibata, que preferem "dar um passo à frente mas calçando muito bem o que está atrás. Queremos algo bem sólido para dominar o caminho e dar toda segurança não só aos nossos atuais 70 empregados como a nossos fornecedores. Não temos uma rede mas estamos com um semi-ataque que nos dá maiores possibilidades e possibilidades de compra, como as redes maiores".

PESQUISA

Safra garantida

Logo, a instalação do Centro de Pesquisas de Cogumelos

Tão logo a Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes conclua a preparação de uma área de 25 mil metros quadrados, no distrito de César de Souza – o que está previsto para o final deste mês –, o Instituto de Botânica, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado, instalará o Centro de Pesquisa de Cogumelos Comestíveis, que será o primeiro do Brasil.

A partir daí os técnicos que irão trabalhar sob a coordenação da Secretaria Estadual de Agricultura darão início a pesquisa para a obtenção de várias linhagens e da semente para a produção, importada atualmente de outros países, como Japão, China, Coreia e Itália. Além disso, o Centro de Pesquisa possibilitará uma melhora na qualidade do cogumelo e a maior difusão desse produto, que contém a mesma proteína que o leite, conforme garante a diretora do Instituto de Botânica, Vera Lúcia Ramos Bonini.

A produção de cogumelos comestíveis no Brasil está em torno de 4 mil toneladas/ano, sendo que Mogi das Cruzes é responsável por 50% dessa produção. O cultivo, nesta região, começou na década de 60, quando vieram os imigrantes oriundos da Ilha de Taiwan, Formosa, de onde trouxeram o conhecimento da exploração, com alguma especialização, como a produção de sementes.

A ideia de se instalar em Mogi das Cruzes o Centro de Pesquisa de Cogumelos Comestíveis surgiu no I Encontro Nacional de Cogumelos Comestíveis, realizado em outubro de 1980, nesta cidade. Na ocasião foi proposta a construção e implantação do Centro com o objetivo de formar um núcleo técnico-científico e de assistência especializada em cogumelos comestíveis. A sua implantação foi possível após a Prefeitura Municipal e o Instituto de Botânica firmarem um convênio, no ano passado, e o Banco do Brasil liberar, através do seu Fundo de Incentivo à Pesquisa Técnico-Científico (FIPEC) a importância de cerca de Cr\$ 125 milhões. Além dessa verba, estão sendo aplicados na instalação do Centro Cr\$ 30 milhões da Secretaria de Agricultura e aproximadamente Cr\$ 40 milhões do município.

Exclusive (Car Design)



DALLAS

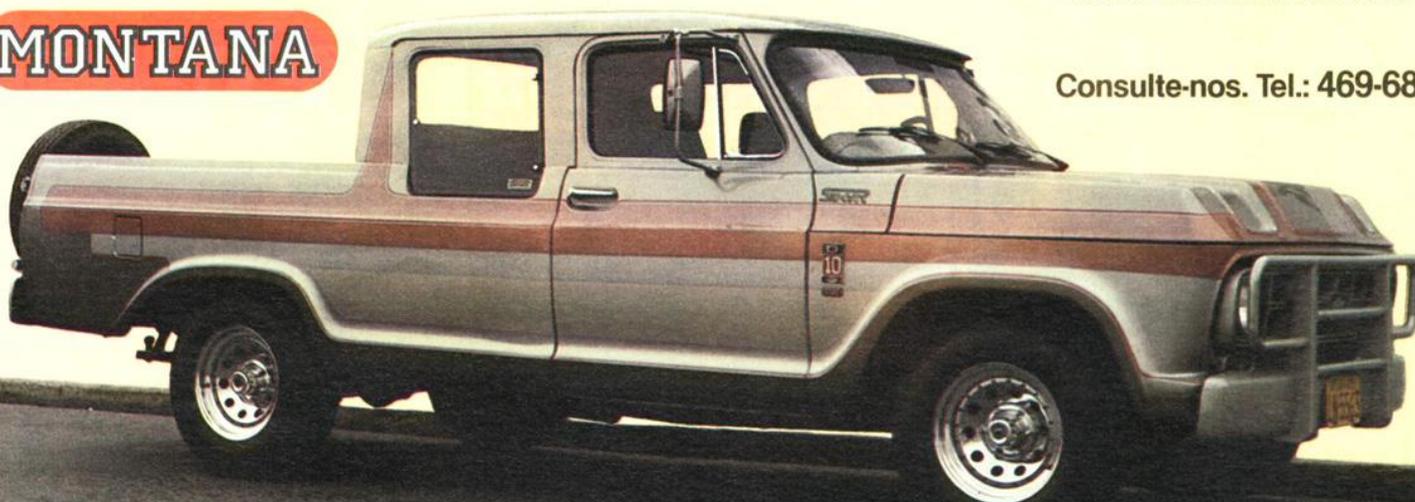


OREGON

SIDCAR

Com as cabines duplas da SIDCAR para pick-up ou caminhão, de qualquer ano ou marca, suas vantagens não ficam no papel. Você ganha duplamente. Além do serviço garantido por 2 anos, com Certificado, você encontra vários modelos à sua escolha.

MONTANA



Consulte-nos. Tel.: 469-6803

Griffe no legume

Mogiana inova no comércio de frutas e verduras

A idéia, no mínimo, parecia curiosa, mas mesmo assim Ana Maria Correia Mello Freire resolveu tocar o projeto em frente: uma butique de legumes, verduras e frutas. É a Kitanda, montada na promissora Narciso Yague Guimarães, o corredor comercial da cidade que mais tem crescido nos últimos meses. Ana Maria, 34 anos, formada em Psicologia, parte para essa primeira experiência comercial junto com uma sócia, Marlene Monteiro, 28 anos, e está apostando num empreendimento de requinte e com a sofisticação própria de casas do gênero, quase sempre instaladas nos bairros elegantes da capital.

Tudo começou em agosto do ano passado, conta Ana Maria. Foram pouco mais de seis meses de maturação de um projeto que, a princípio, envolvia apenas a comercialização de hortifrutigranjeiros e cereais esterilizados e hermeticamente embalados para o consumo caseiro. No entanto, o que seria uma butique de alimentos transformou-se num investimento vultoso, com a decisão das sócias de incluírem nas prateleiras produtos finos importados e especiarias raras, além de alimentos desidratados produzidos pela VDB - Vegetais Desidratados

do Brasil, empresa de propriedade da família de Marlene e instalada no interior paulista. Além disso, mercadorias exclusivas fabricadas apenas para exportação pela Griffiti, empresa de Mogi.

Dirigido a uma faixa restrita do mercado consumidor, a classe A, o investimento de Ana Maria e Marlene parece assentado em Base sólida. Durante o início de sua montagem, a proprietária mogiana tratou de realizar ampla pesquisa percorrendo supermercados, feiras e varejões e visitando casas similares a sua. Desta forma, as sócias apostam no sucesso de seu negócio, já que os produtos oferecidos são encontrados somente em pontos isolados da capital. Este fato faz com que o investimento seja o único comércio do gênero em toda a região



Marlene e Ana Maria: de olho na classe A

leste da Grande São Paulo", garante Ana Maria.

A pesquisa permitiu também que as duas comerciantes inovassem ainda mais, traçando planos para a instalação de uma filial da Kitanda na Cobal. Esta unidade comercializaria apenas hortifrutigranjeiros, esterilizados em dois enormes tanques de ozon industrial e depois cortados de diversas formas e tamanhos por oito tipos diferentes de máquinas importadas da Europa, responsáveis também pela embalagem da mercadoria, em sacos de polietileno e *nylon*. No box da Cobal a butique de alimentos tornaria-se, portanto, acessível às demais faixas de consumidores.

Contando atualmente com uma equipe de quatro funcionários, a Kitanda não se restringirá apenas ao abastecimento da região. No ano passado foram firmados contratos para a venda no atacado, junto a empresas de São Bernardo e Rio Preto. Ainda este ano é provável que a Kitanda venha a abastecer, com seus produtos, os supermercados do grupo Carrefour e as lanchonetes da rede McDonald's. O próximo passo agora, informa Ana Maria, é a investida no atraente mercado do Vale do Paraíba com a criação de uma filial na cidade de São José dos Campos.

FRUTÍCOLA MOGIANA LTDA.

**FRUTAS, VERDURAS E LEGUMES
ATAcado E VAREJO
ENTREGAS A DOMICÍLIO**

SACOLÃO FIXO:
R. José Malozze, 966
R. Francisco Rodrigues Filho, 323

SACOLÃO VOLANTE
TODOS OS DIAS. UM DIA
EM CADA BAIRRO DA CIDADE.

Sacolão, varejão e atacado:
- Mercado do Produtor COBAL
- Mercado Municipal, box 38 e 39

* PREÇOS CONTROLADOS PELA SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO

**Av. dos Estudantes, 550 - Mogilar - Mogi das Cruzes
Rua Cantareira, 123 - São Paulo**

PEDIDOS PELO FONE 469-7246

**Com as portas
abertas para
o futuro.**



Num trabalho maduro e consciente de uma equipe multiprofissional, aliado ao apoio dos pais, uma única meta: preparar para uma vida física, psíquica e intelectualmente sadia, a geração do ano 2000.

Av. Dr. Fernando Costa, 88
Fone 460-2948 - Mogi das Cruzes
(ESTACIONAMENTO PRÓPRIO)

RESTAURANTES

Dieta verde

Surgem as casas exclusivas para os vegetarianos

Não é só da suculenta cozinha italiana, dos churrascos, das práticas pizzas ou da tradicional feijoada que vive o paladar mogiano. Gradativamente, o naturalismo e a comida vegetariana vêm ocupando espaço e tornando-se mais uma opção no roteiro gastronômico da cidade, além de ser um novo ramo de negócios para quem quer investir no setor. Foi pensando assim que há quatro meses a vegetariana, Cacilda Soares da Costa, 33 anos, dois filhos, resolveu abrir na Vila Hélios, o restaurante Boa Saúde, onde, além do prato do dia, são oferecidos aos frequentadores – em geral pessoas de meia idade e idosos – produtos e cosméticos naturais, sempre acompanhados da orientação da proprietária, autora de uma apostila com receitas e noções básicas sobre a dieta vegetariana, transmitidas também aos ouvintes de seu programa na rádio *Diário de Mogi*.

Contudo, a investida de Cacilda foi bem mais do que uma nova experiência comercial num terreno pouco explorado na cidade. “Além do lado comercial, a idéia de montar um restaurante vegetariano surgiu em função de uma necessidade e, sobretudo, de minha adesão a esse tipo de dieta devido a problemas de saúde”, explica. Em sua análise, a frequência no



Comida natural: ganhando espaço

Boa Saúde tem sido regular porque “algumas pessoas não se acostumam à comida”. Por isso, seus pratos vegetarianos são adaptados a cozinha brasileira, embora Cacilda acredite que “os hábitos alimentares cultivados há anos por uma pessoa só são alterados em doses graduais e homeopáticas”.

Já o casal Cid e Gelza Gonçalves, 40 e 35 anos, desde o ano passado donos do Raio de Sol, entreposto e restaurante natural, defendem: “Ninguém muda apenas a alimentação; muda também o estilo de vida”. Para eles, o aumento na frequência de seu restaurante é um “trabalho de garimpo”.

O movimento é pequeno, porém constante no Raio de Sol, onde as refeições não se repetem, compondo um cardápio elaborado com critérios nutricionais rigorosos que atentam para a combinação das proteínas e a cor dos ali-



Fotos Marcos Lima

Os produtos conquistam o público

mentos. “Comer é um ato cultural”, afirma Cid. Segundo seus cálculos, 30% da frequência da casa é composta de jovens, 20% de idosos e a grande maioria na faixa de 20 a 35 anos – fatia fiel do mercado naturalista. Em meados de 84, já sob a administração do casal, o Raio de Sol alcançou seu recorde: 36 refeições num só dia, em horário de almoço. Atualmente essa média fica em torno de 15 refeições diárias, preparadas com cuidado por Gelza, que ainda tem tempo para ministrar cursos noturnos de culinária e nutrição.

Em breve a concorrência se ampliará para o Boa Saúde e o Raio de Sol. É que Samuel Santos Franco, 21 anos, e seu sócio, José Carlos Barbosa, 22, se preparam para colocar em funcionamento o Sol Nascente Produtos Naturais e Artesanato, uma espécie de lanchonete e entreposto, que além de sanduíches e sucos naturais, abrigará também “um espaço para quem se interessa por massagens orientais e musicoterapia”. Adeptos do naturalismo há mais de um ano, Samuel e José Carlos contarão com a ajuda de uma índia da tribo macuxi, de Roraima, que conheceram no Centro Social Carlos Alberto de Souza, da Cúria Diocesana, onde atuam como voluntários.

Para acompanhar os lanches, os futuros frequentadores do Sol Nascente poderão beber um vinho ou mesmo uma cerveja – é claro que fermentados naturalmente, sem o teor alcoólico de suas versões convencionais. E mais. Depois de observar a reação de seus fregueses – que acreditam vão se concentrar nas faixas jovem e idosa –, Samuel pretende servir refeições preparadas com os produtos de uma horta orgânica, em fase inicial de implantação. ●



Samuel: cerveja



Cacilda: saúde



Gelza e Cid: garimpo

**ALDEMY GOMES DE OLIVEIRA
ANA LUCIA G. OLIVEIRA SAKOTANI**

arquitetos

planejamento
comunicação visual
assessoria

arquitetura
decoração
fiscalização

rua dr. deodato wertheimer, 1605 - 5.º andar s/56 - mogi das cruzeiras
tels. 469-1017 - 469-4541 - 460-2600

KIYOKAWA
imóveis creci 8287

**VENDA E ADMINISTRAÇÃO
DE BENS COM ASSISTÊNCIA
JURÍDICA COMPLETA**

R. Navajas, 97 - Mogi das Cruzes - SP
Tel. 469-4211 (KS)

Segunda mão

Aparecem na cidade as primeiras lojas de artigos usados, reflexo da crise

Há quem garanta que os períodos de crise abrem caminho para novos negócios. Foi o que pensou Irene Pereira Straube, 56 anos, e sua nora, Fátima Ribeiro Straube, 36 ao criarem na cidade a Renov, um comércio dirigido à parcela de consumidores atingida pela crise: a classe média baixa. São cerca de 400 peças de roupas masculinas e femininas, incluindo ternos, trajes para a noite e vestidos



Clóvis: sem preconceitos

de noiva a disposição dos clientes para locação. "Tudo começou com nossa decisão de entrar para o setor comercial", conta Irene. A partir de pesquisas que constataram o crescente número de lojas de aluguel de roupas abertas nas capitais, grandes centros e mesmo no Exterior, Irene e Fátima não tiveram dúvidas – instalaram em Mogi sua casa, que também vende roupas usadas, desde biquínis e maios até vestidos e conjuntos, passando por cintos e calçados. "O comércio é trabalhoso, pois após a aquisição da mercadoria são necessárias reformas e a lavagem de cada peça," explica Fátima. "Futuramente pretendemos ampliar o setor de roupas masculinas – o ponto forte da loja –, com a locação de *smokings* e meios-fraques", adiantam.

Com igual confiança, o ex-vereador Clóvis Knipel (PDS), 40 anos, dedica-se a seu novo negócio, a MercaTudo, uma loja de móveis usados que tem na classe média e nos estudantes seus maiores compradores. "Aquele preconceito contra os brechós não existe mais", afirma o comerciante, afastado da política há dois anos. Segundo ele, "a atual crise fez com



Fátima e Irene: novo caminho

que a opção por móveis aumentasse consideravelmente". Sua entrada neste ramo se deu em julho passado, quando adquiriu um lote de 140 peças, entre eletrodomésticos e mobiliário. Hoje, Knipel reúne um estoque permanente de móveis e só se queixa da escassez de algumas mercadorias, procuradas com insistência por seus fregueses.

Quanto ao retorno à política, o comerciante desconversa: "Para ter participação política não é preciso estar exercendo um mandato ou ser candidato", diz Knipel em meio a armários, camas e a um dos últimos modelos da geladeira Frigidaire – refrigerada com gás amônia e fabricada em 1937 pela General Motors, nos Estados Unidos, à venda na MercaTudo por Cr\$ 50 mil.

informe publicitário

Nasce o Reino Encantado

Uma escola pensada, projetada e realmente dirigida para crianças.

O que para nós, adultos, hoje é apenas um sonho frustrado, para nossos filhos é a pura e simples realidade. – Quantos problemas nós enfrentamos na infância por termos de nos adaptar ao mundo da "gente grande"? – Hoje, em virtude das condições de vida atuais, as preocupações com o bem-estar, têm surgido com mais frequência.

Com base nestas necessidades, foi inaugurado no dia 27 de dezembro passado, sob o comando de **Juracy e Ignês Cestari**, o **Reino Encantado**. Uma escola maternal para crianças de zero a seis anos que oferece instalações específicas para todas as exigências deste período da infância.

Cada pequeno detalhe foi estudado: o atendimento é feito por profissionais especializados, como pedagogos, psicólogo, dentista, enfermeira-padrão; todo o mobiliário, seja dos banheiros, dos refeitórios ou das salas de aula foi projetado com dimensões próprias para crianças; as refeições são preparadas com alimentos naturais e selecionados, seguindo, inclusive, dietas especiais se pre-



ciso; um circuito interno de TV permite aos pais acompanharem o comportamento dos filhos durante as atividades; um *play-ground* que tem até uma casa de bonecas, bem como uma mini-piscina ou um video-cassete compõem, dentre outras coisas, os equipamentos de lazer; enfim, uma série de requisitos que fazem do **Reino Encantado** "a única escola maternal da região com instalações totalmente adequadas para as crianças, sejam recém-nascidas ou já em fase de pré-alfabetização", afirma Juracy, fato

que pode ser comprovado por qualquer pessoa.

Uma verdadeira extensão do lar ou até mais que isto. Toda criança é acompanhada diariamente por profissionais que assistem e orientam, quando necessário, cada passo de sua formação, além de receber um programa de educação apoiado nos mais altos padrões. A escola atende de segunda a sexta-feira das 07 às 19 horas.

O Reino Encantado também é hotelzinho!

Com a mesma estrutura da escola o **Reino Encantado** põe à disposição, inclusive para crianças não matriculadas, os serviços de hotelaria com plantão permanente. Seja apenas por algumas horas, enquanto você vai à reunião ou à festa, como pelo período de suas férias ou viagens de negócios, por exemplo.

O **Reino Encantado**, fica à **rua Rui Barbosa, 174** (paralela à rua Santana) e tem seu telefone **460 2008** para quaisquer informações.

Faça uma visita, você vai considerar seu filho um privilegiado!



TRANSCONTINENTAL
104,7
FM



PROGRAMAÇÃO BEM TRANSADA

Atingindo a um público consumidor ativo de bens e serviços, com sua programação dirigida e diversificada, a Transcontinental vai levar suas mensagens de propaganda aos melhores segmentos de audiência em cada área e horário. Numa região tão desenvolvida econômica e culturalmente falando, fica patenteado o "target" próprio e singular da Transcontinental, não havendo, portanto, possibilidades de desperdício de verbas.



Radio Transcontinental FM
Rua Dr. Deodato Wertheimer, 1413 - Sala 17A - Sobreloja
Tel.: 468-1300 - Mogi das Cruzes



A Cami, no início da Mogi-Bertioga: mudando de mãos

INVESTIMENTOS

Cami, o ato final

A Cooperativa Agrícola Mista Itapeti resolve vender seu patrimônio para vencer a crise e agora pode até fechar

Para a Cooperativa Agrícola Mista Itapeti não havia muitas alternativas que a livrassem das dívidas que alcançavam, em 81, a casa dos Cr\$ 230 milhões. O único caminho, segundo Olímpio Tomyiama, seu presidente há quatro anos, era "um enorme trabalho de redoutinamento dos cooperados, a extinção do paternalismo e, finalmente, a venda de parte de seu patrimônio." Foi por isso que, em assembléia, os integrantes da Cooperativa não hesitaram em vender uma parte dela para o empresário Francisco Nogueira (por Cr\$ 700 milhões) e o complexo da fábrica de ração, num total de 46 mil m², para o grupo Avirama, (por quantia não revelada) firma que reúne nove granjeiros da região que pretendem produzir uma média de três mil toneladas de ração, em sua maior parte pensando nas necessidades próprias.

"Há um ano, com a nova política financeira, acabando com os subsídios, fiquei preocupado porque a dívida da Cami ainda era alta. Os juros rurais indo de 11 a 12% faziam com que aumentassem as dívidas dos cooperados para com a Cooperativa. Então, em abril de 84, incitei os

cooperados a incrementar o nosso relacionamento, porém na Grande São Paulo existe muita concorrência de comerciantes que sonegam impostos, fazem sub-faturamento e nessa competição quem perde sempre são os cooperados", conta Olímpio.

Os problemas foram se avolumando e o faturamento da Cami, que em seu auge, em novembro de 83, era de um bilhão e 100 milhões, caiu para 200 milhões em média. "Como as cooperativas não trabalham com lucro e sim com comissionamento percebemos que não havia condições de trabalhar com os custos de uma sede tão grande e por isso o mais correto era vendê-la".

Para Olímpio uma cooperativa deve ter uma área de comercialização muito forte e as atuais estruturas estão ultrapassadas para regiões próximas a grandes centros, dando resultados positivos somente no interior. Mesmo pensando assim e afirmando que a dívida da Cami, é insignificante atualmente, com cerca de 80% de seu total já pago, resultado não só destas últimas transações, mas também da venda de 438 lotes para chácaras de lazer em Biritiba Mirim,

Olímpio diz que deverá convocar, nos próximos dois meses uma nova assembléia, onde não está afastada a possibilidade dos cooperados auto-dissolverem a Cooperativa, que há 24 anos atua em Mogi das Cruzes.

Futuro – Francisco Nogueira, 43 anos, pagou 700 milhões pelos 50 mil m² da Cami (a Cooperativa fica no início da rodovia Mogi-Bertioga) e num galpão de 6 mil m² pretende industrializar arroz e milho, este último um projeto fincado nas conseqüências que a retirada do subsídio do trigo trarão à Agricultura. A primeira etapa de seu plano, ligado ao arroz, terá início no próximo mês, quando sua empresa Itacel – Itapeti Cereais Ltda – entrará no mercado local, atualmente ocupado por 85% de indústrias com sede em outras cidades, segundo Nogueira serão três marcas de arroz, a melhor com o nome de Itacel.

O objetivo principal de Nogueira, contudo, está na fase seguinte: a produção de fubá, canjica e uma farinha de milho desenvolvida por técnicos da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias e do Instituto de Tecnologia de Alimentos. O produto poderá ser adicionado à farinha de trigo ou consumido puro. "O governo vai necessitar da produção de milho para refazer seus estoques e determinar a mistura do produto no trigo" – diz Nogueira. Com a retirada do produto, continua, o trigo subirá a preços astronômicos, e o Brasil importa 6 milhões de toneladas e só produz 1,8 milhão. "Assim, a necessidade de substituição será extrema" – raciocina. Na compra, Nogueira ficou também com as câmaras frias da Cami, único local onde os produtores da zona Leste podem armazenar as sementes da horticultura



Olímpio: hora de "doutrinação"

CK KIWOKAWA
imóveis creci 8287

**O ENDEREÇO CERTO
DOS BONS NEGÓCIOS
IMOBILIÁRIOS**

R. Navajas, 97 - Mogi das Cruzes - SP
Tel. 469-4211 (KS)

E.E.D. "Aqui você vai dançar!"

ROUGE ET NOIR
ballet

jazz
moderno
clássico
ginástica estética
baby-class

matrículas abertas

rua dr. deodato wertheimer, 1605
4.º andar, salas 42 e 43
mogi das cruzes, sp

Entrevista



Surge um político moderno

O senador Fernando Henrique Cardoso é, hoje, sem dúvida, um dos nomes mais respeitados do PMDB, posição conquistada devido a sua participação no cenário brasileiro nos últimos anos, esse período histórico onde o país reuniu suas melhores forças para sair do arbítrio e da ditadura rumo à plena democratização. Fernando Henrique foi uma dessas forças. Emergiu também à cena principal da política brasileira por seus inegáveis dotes intelectuais, ele que é considerado talvez o acadêmico brasileiro com maior número de títulos. E como o senador não formou seu prestígio numa época de política militante, mas da política de resistência, nota-se em seu discurso a sinceridade e honestidade de propósitos rara no setor — em outras palavras, Fernando Henrique, pelo menos até agora, não parece um político. Aposentado aos 37 anos da Universidade de São Paulo pelo AI-5, foi morar no Exterior como um privilegiado — as portas das melhores universidades européias e americanas sempre lhe estiveram abertas — Cambridge, Sorbonne e Princetown são alguns dos exemplos. Na França, durante a tempestuosa revolução estudantil, o senador deu aulas para Daniel Cohn-Bendit, o líder dessa revolta. De uma família onde são inúmeros os militares graduados — seu pai, o general Leônidas Cardoso, foi amigo de Euclides Figueiredo, pai do presidente da República — ele se gaba de jamais ter recorrido a esses parentescos quando se viu envolvido nas malhas da

repressão política. Depois na Operação Oban de capuz na cabeça, ao retornar ao país, mas diz não guardar sentimentos revanchistas do período, apesar de não esquecer a morte do pai — ela ocorreu quando o senador estava no Exterior sem saber que o pai estava doente. Crítico da esquerda, a quem não perdoa em suas análises, Fernando Henrique já foi chamado diversas vezes de revisionista, qualificação que não o inco-

Figueiredo comentou que as eleições diretas não eram oportunas naquele momento, segundo semestre de 84, e o senador respondeu citando a vontade popular, argumento que considerava definitivo. No final do ano, o senador Fernando Henrique Cardoso esteve em Mogi para inaugurar o diretório do PMDB local, quando concedeu uma ampla entrevista coletiva, que ATO publica agora na íntegra.



“O PMDB tem de passar por um desafio novo”

moda — nem mesmo quando aponta o grande progresso que o Brasil alcançou nos últimos 20 anos, exatamente os governados pela Revolução de 64. Recentemente, numa cerimônia no Itamaraty, foi chamado pelo presidente Figueiredo, que queria conhecê-lo. O diálogo, rápido, começou com o presidente lembrando que conhecia o pai do senador, que respondeu dizendo que também se lembrava de Euclides Figueiredo. À certa altura,

P — Com Tancredo no poder o senhor optaria por um Ministério ou pelo governo do Estado?

FH — Olha, veja, é verdade que o governo de Tancredo é um fato. Tancredo é o presidente eleito da República, mas eu acho que Ministério ninguém pode pretender ocupar. Os Ministérios dependem não só de um convite do presidente como das forças políticas que vão ter de se compor. Uma pessoa como eu, que tem res-

ponsabilidades como presidente do PMDB de São Paulo e senador da República não pode se lançar a candidato a nada de Ministério, sou candidato a ajudar para que haja uma posição firme do PMDB, ajudar uma composição da Aliança Democrática, na qual o PMDB tenha um papel que corresponda ao esforço que fizemos pela transformação democrática no Brasil. Quanto ao governo de São Paulo acho que temos de botar água na fervura. É muito cedo para estarmos discutindo candidaturas. Acho que há vários nomes: primeiro o do vice-governador Orestes Quércia, que é um companheiro de partido e que tem tido um trabalho muito importante na consolidação do PMDB; o outro é o prefeito Mario Covas, que tem sido um prefeito muito competente da cidade de São Paulo e que pode ser lembrado — e há outro mais que pode ser lembrado: o Almino Affonso. Ele tem prestígio muito grande no nosso partido, Estado e Brasil. Não quero nem falar no Ulisses Guimarães, homem que pode ser candidato ao que quiser ser no Brasil de hoje. Meu nome é apenas um a mais neste rol para quando seja oportuno.

P — O senhor fala em colocar água na fervura, mas ano que vem haverá renovação de diretórios em todo Estado. Não seria importante se começar a fazer um trabalho de base no sentido de conquistar postos importantes, já que serão estes diretórios que escolherão o candidato ao governo de Estado em 86?

FH — Não há dúvida nenhuma que eu considero da maior importância que haja um trabalho de base, da militância do PMDB. O PMDB hoje tem de passar por um desafio novo, que é consolidar-se como partido estando no governo e não ser confundido com a máquina burocrática. E isso só vai acontecer se tivermos uma militância ativa, que se jogue nesta campanha de renovação dos diretórios. Agora, quanto ao fato de que isso seja orientado por candidatos ou vinculado à máquina burocrática do Estado eu não sou favorá-

vel. Acho que temos de ter um trabalho de base, aberto, ativo, muito importante para a renovação do PMDB. Eu sou favorável a uma outra coisa: acho que mais adiante seria útil levar a idéia das eleições primárias, quer dizer, deveríamos fazer uma democratização do processo de seleção dos candidatos. Não no sentido de que você impõe ao delegado um candidato, mas que pelo menos o delegado saiba qual é o sentimento do partido. Acho que isso é que é uma coisa construtiva, mas isso mais tarde e não agora.

P – Que data o senhor colocaria para o início da corrida sucessória do governador Montoro?

FH – A sucessão do Montoro vai-se dar em novembro de 86, daqui a dois anos. Acho que se pode dar um prazo razoável, lá por março ou abril de 86, que é quando começam as atividades, o início da campanha mesmo. Até lá nós temos a responsabilidade para com o povo de São Paulo e do Brasil, que nos elegeram para cuidar-nos dos problemas do povo e não de candidaturas nossas.

P – Mas sua visita hoje a Mogi das Cruzes já não seria o início de uma campanha para o governo do Estado?

FH – Se fosse assim eu estaria em campanha desde que entrei no PMDB, porque faço palestras o tempo todo. Há muitos anos que faço palestras, como senador, presidente do meu partido, como professor. Tenho feito inúmeras palestras, é uma coisa que faço habitualmente. Apenas havia a sensação de que, porque estava em Brasília, eu não teria contato com as bases, mas é só ver a minha agenda no último ano que vocês verão que passei o ano inteiro viajando, aqui e em outros Estados, fazendo palestras em que nunca discuti questões pessoais. Vocês não verão nenhuma declaração minha, em nenhuma de minhas palestras, que tenha levantado qualquer questão pessoal.

P – Senador, nós estamos na cidade *Mogigate* e eu queria trazer o problema para cá. Como é que o senhor viu todo

esse problema, o PMDB que saiu duramente machucado? Como o partido aqui em Mogi pode reerguer-se?

FH – Em primeiro lugar eu vi a questão do *Mogigate* com muita consternação. Nenhum presidente de partido pode se sentir contente vendo pessoas ligadas ao seu partido, e que deram uma contribuição a este partido inegável, envolvidas em processos desse tipo, de corrupção, ativa ou passiva, mas de corrupção. Então vi

nacional não colaborou em número necessário, de embargar a decisão, coisa que fiz – embarguei a decisão porque queria que se respeitasse as vontades das bases, e as bases locais e estaduais haviam tido uma posição muito firme e eu segui esta posição muito firme. Acho que o que aconteceu mostrou pelo menos que o PMDB é um partido que é capaz de tomar medidas duras quando necessário. Talvez tenha sido o único caso na his-



“O deputado Jacob Lopes é uma pessoa distinta”

com muito constrangimento. Presidi o processo no partido com a isenção máxima que podia, ansiosamente esperando a possibilidade de dizer que nossos companheiros não tinham nada a ver com isso. Infelizmente, o veredicto do partido não foi este. Foi o de que haveria realmente um comprometimento e em função disso houve a expulsão do deputado Jacob Lopes. Coube a mim a triste função de, quando mais tarde o diretório

tória de um partido, que atuou desta maneira. E repito: sem nenhum prazer pessoal. Eu, pelo deputado Jacob Lopes, não tinha nenhum ânimo contrário, até porque pessoalmente ele é uma pessoa distinta, agradável e nunca fiz política em Mogi, nunca tive contatos maiores, então não tinha nenhuma razão pessoal. Atuei firmemente porque senti que isso era necessário para restabelecer o decoro e a dignidade da vida partidária.

P – O prolongamento da questão Jacob Lopes não prejudica a imagem do PMDB?

FH – Eu não quero entrar num debate que não é do PMDB, é da Assembléia. O partido tomou suas decisões e eu não fiz a menor pressão sobre a Assembléia em função disso – e esta é uma questão da Assembléia sobre a qual não quero me pronunciar. Devo dizer que o presidente da Assembléia consultou a direção do partido sobre os passos que tomou e não vejo que tenha havido qualquer tentativa menos correta nessa matéria.

P – Considerando a eleição de Tancredo como um fato, o que o Município de Mogi das Cruzes poderia esperar concretamente?

FH – Eu acho que a primeira mudança efetiva é a questão de você ter de criar um clima de franqueza e de confiança, mudar os metodos da política nesse clima de franqueza e confiança. Acho que se eu fosse o presidente Tancredo Neves seria muito estrito em matéria de mordomia. Esta é uma questão que pode parecer nada, mas é muito importante para um povo que está numa crise sentir que quem manda é austero. E eu confio que o Tancredo seja austero na vida cotidiana da República. Em segundo lugar, acho que vamos desenvolver reformas importantes no ano que vem, preparatórias à Constituinte. Nós vamos fazer a reforma da Lei Orgânica dos Partidos, temos de fazer uma lei que dê acesso equivalente aos meios de comunicação. Não podemos deixar que o dinheiro impere nessa matéria. Vamos ter de tomar medidas e acabar com a sub-legenda, vinculação de votos, enfim com toda essa carga autoritária que está aí. As mudanças institucionais vão ser muito fortes para que se possa ter uma Constituinte realmente livremente eleita e isso vai afetar Mogi, porque a vida política sofrerá um sopro de renovação indiscutivelmente. Quem pensa que o futuro vai ser igual ao passado está enganado.

P – As diferenças ideológicas dos grupos que apóiam o candidato Tancredo Neves não

vão dificultar o futuro governo?

FH – Primeiro o óbvio: nós hoje temos uma espécie de conagração nacional. Não foi projetado assim, mas acabou dando nisso. Não foi a forma de transição que imaginávamos, mas a que aconteceu, e aconteceu de maneira tal que pessoas e forças mais díspares se juntaram. Esse fenômeno ocorre sempre que há um corte, sempre que há uma transição. Em 64 houve isso. Não no sentido atual, ao contrário, mas houve isso. Júlio Mesquita Filho foi visitar Adhemar e eram inimigos fígados, para exemplificar. E agora vem um e pergunta: e o Antonio Carlos Magalhães – Pois é, Antonio Carlos Magalhães tancredou. Isso é um momento. José Sarney já é diferente, ajudou a romper; ele rompeu antes. Foi o que ajudou a romper, porque senão não tínhamos maioria. Isso é um momento necessário para ter força para quebrar uma situação anterior. O momento seguinte, obviamente, vai ser um momento de decantação. Não pode ficar todo mundo na mesma posição, todo mundo junto. Teremos um governo de transição, não é um governo do PMDB. Eu fui um dos primeiros a dizer isso no jornal do PMDB. É um governo de transição no qual o PMDB, a meu ver, deve ter um papel muito forte, e eu luto por isso. Nesta transição há posições diferentes. Qual vai ser a missão do Tancredo? Ele terá de liderar esse processo. Ele tem, de alguma maneira, fazer o equilíbrio dos líquidos. Ele convidou pessoas das várias forças, mas tem um caminho ali; tem um sentido nessa composição, que me parece um sentido correto. Eu não creio que o PMDB possa ter intolerância e pretender um monopólio. Num momento de conagração não há monopólio. Seria um erro nosso imaginar que temos toda a força. Nós não temos; nós apenas articulamos para que a força venha para o nosso lado. Se nós quisermos ter monopólio vamos quebrar a cara. Se tivermos tolerância, haverá uma diversidade e dentro dela

construiremos um caminho que leve adiante o interesse popular e nacional. Nós temos uma coisa imperativa, que é retomar o crescimento para dar emprego, e então você briga com o Fundo Monetário, que não quer a retomada do crescimento. Temos outra coisa imperativa: você não pode fazer isso sem olhar para a inflação, porque ela galopando corrói os salários dos assalariados.

P – O PMDB não ficou numa

a massa dos militantes do partido. Por que a população entendeu isso? Porque em vez de ser o que algumas pessoas imaginavam, houve uma mudança substantiva na política. Nós não tivemos força para fazer as diretas já, mas conseguimos, porque para isso tivemos força, esvaziar o contínuismo, e o autoritarismo, hoje, quando o Maluf propõe diretas não há o que comentar.

P – Em 86 vão ocorrer elei-



“Teremos a rara chance de fazer uma Constituinte”

posição difícil firmando o pé para as eleições indiretas, enquanto o candidato do PDS se firmava a favor das diretas?

FH – O povo é mais talentoso e intui mais rapidamente do que muitos analistas políticos. Quando você falou em pesquisa política, 80% da população foi favorável ao Colégio Eleitoral e apoiou Tancredo. Mesmo os eleitores do PT. Setenta por cento pensavam assim; quem ficou isolada foi a direção do PT, que não seguiu

ções para deputados, vereadores. Não seria o momento também para presidente da República?

FH – Acho a questão do presidente da República devemos deixar para a Constituinte. Talvez seja, mas só depois da Constituinte. Por que? Porque não temos força neste momento. Ninguém tem legitimidade para encerrar um mandato. Se a Constituinte, eleita em 86, achar que é o momento oportuno de encer-

rar o mandato do Tancredo e convocar eleição, ela convoca. Acho que não há nenhum obstáculo a isso e é cedo julgar agora. Acho que nessa matéria não devemos fixar datas no momento.

P – Essa Constituinte deverá ser feita com uma eleição específica ou poderá ser composta por deputados e senadores eleitos em 86?

FH – Se os deputados e senadores forem eleitos para elaborar a Constituinte eles já são constituintes automaticamente, o resto é tempestade em copo d'água. Em todas as Constituintes assim é. Como foi no caso do Dutra, que governou por exceção, com decreto lei, e não tinha função de controle, então por isso eles tiveram só a Constituinte, mas se fizer isso agora é dar poderes de ditador ao Tancredo. Se não quisermos isso, o Congresso que vem vai ter de ter dupla função: será Congresso para controlar as leis do Tancredo e vai ter de ser Constituinte durante um certo prazo. E isso é uma coisa absolutamente normal em todas as partes do mundo. Não é necessária uma eleição só para a Constituinte, desde que a condição seja que o eleitorado saiba que vai eleger alguém com a função constituinte. Nós vamos ter uma chance histórica, rara: preparar uma Constituinte com dois anos de antecedência. Foi assim na Itália, depois da guerra. Levaram dois anos para fazer a eleição e mais dois para fazer a Constituinte. Foi assim também na Espanha.

P – O senhor sempre declarou que a sinceridade seria um ponto primordial para o próximo governo. O senhor pessoalmente acredita na sinceridade do próximo governo?

FH – Eu acredito. Eu acredito que hoje a sinceridade é uma imposição que vem da sociedade e como o governo é um governo que tem raízes na sociedade ele vai ter de fazer a política da verdade, ou então se esborracha em três meses. Como o próximo governo é chefiado por um homem altamente competente ele não vai se esborracha – dirá a verdade.

Moda



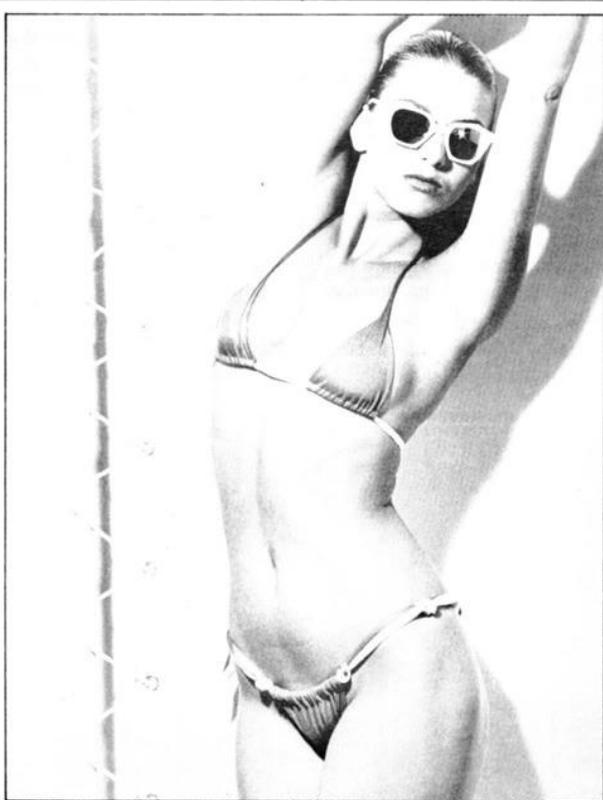
Fevereiro, Carnaval: o alto-verão

Fevereiro é mês de Carnaval, alegria, clima quente e portanto muito biquini, shorts, blusinha, bermudas e camisetas. É a moda alto-verão, sem dúvida a estação do ano mais brasileira, quando os estilistas precisam criar mais do que copiar o que vem de fora. Este ano reduziram-se ao máximo os biquínis. Sempre em lycra, com detalhes de nós, enrolados, amarrados, drapeados e puxados, geralmente bicolores ou estampados. Até os maiôs estão mais ousados, em cores luminosas, bem decotados ou cavados, também com detalhes.

Para os homens, as sungas são estampadas geometricamente, ou então lisas nas cores fortes, embora a grande maioria prefira o preto e marinho. A garotada adotou o shorts esportivo como sunga, o que não é muito elegante, principalmente nas piscinas, mas nem por isso tem deixado de ser usado.

As camisetas e bermudas para ele estão estampadas, com combinações bem engraçadas de xadrezes e desenhos, florais com listras, ou vice-versa, tudo super à vontade. Nas ruas continua o sucesso da calça de popeline, agora em várias versões, usados com camisetas. Para quem gosta de estar sempre elegante, o linho continua na moda.

Em termos de cores, vê-se de tudo: um pouco de cores elétricas, cores suaves, cáqui e branco, mas a grande vedete é o novo ton-sur-ton. As cores verde, lilás, laranja, azul, entre outras, foram dissecadas em matizes incríveis, de uma maneira inédita e revolucio-



AToth lançou novos biquínis que servem para desenvolver a criatividade de seus usuários. A linha "Asa Delta", com o top de alças finas mínimas e o slip do tipo fralda, que pode ser usado como short ou então amarrado e enrolado, ora valorizando nós, ora sem amarramentos, com um laço em cada lateral, obtendo, sempre, versões personalizadas e exclusivas. O "Asa Delta" é feito de lycra, nas cores da moda ou misturando dois ou três tons contrastantes.

nária. E o bom disto é que você pode criar ricas e ousadas misturas com as suas roupas. Basta misturar, por exemplo, uma peça laranja do verão com salmão e cenoura do alto-verão.

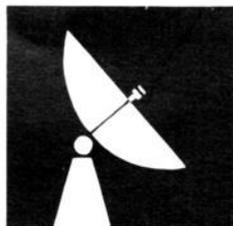
MEIA-ESTAÇÃO - No próximo mês as vitrinas começam a mudar. Talvez não mais para o inverno "pesadão", como ocorreu até o ano passado, mas sim para a meia estação, que está de volta através das discussões entre tecelagens, confeccionistas e varejistas sobre os ajustes no calendário da moda. E isto é bom para o consumidor, porque finalmente encontrará nas lojas a moda adequada para o clima dessa época do ano. Final de contas, o inverno mesmo só começa em junho.

Enquanto isso, aproveite as

liquidações que devem começar agora. Você pode comprar muita coisa boa com preço bom, mas é importante saber escolher. Procure os modelos mais clássicos ou simples, porque não caem de moda. Existem lojas que liquidam o verão e também o inverno do ano passado. Vale a pena adquirir um pull-over de lã. Como a moda tende a continuar levemente ampla, não custa experimentar um tamanho maior. Para ajudar, algumas tendências de cores para a próxima estação - muito preto de novo, agora em várias nuances (meio esverdeado, azulado, amarelado, grafite), azul carbono, marfim, verde garrafa, chocolate (super chique com preto) entre outras, em várias combinações.

Cecília Yoshizawa

Radar



Caixa dá espaço aos deficientes

Tentando eliminar a discriminação existente no mercado de trabalho, em especial nos órgãos públicos, a Caixa Econômica do Estado de São Paulo realizou, na Capital, dois concursos públicos diferentes: um para maiores de 18 anos, sem limite de idade, e outro específico para deficientes físicos. Realizado no final do ano passado, o segundo concurso abriu vagas para 20 profissionais do setor de compensações que funcionam junto à administração da empresa.

O presidente da Caixa, Marcos Fonseca, afirma que a iniciativa será estendida ao interior do Estado e que os próximos concursos da Caixa, continuarão sendo realizados sem limite de idade. Ele espera que esta iniciativa abra espaço para que outras empresas e órgãos públicos adotem o mesmo procedimento.

♥ A Cooperativa Central dos Produtos de Açúcar e Alcool do Estado de São Paulo, responsável por 40% de toda a produção de álcool do país, realizará em São Paulo o 1.º Simpósio Internacional Copersucar de Açúcar e Alcool. Os participantes, principalmente os estrangeiros, poderão conhecer de perto o Programa Nacional do Alcool, o Proálcool, iniciado em 1975 e cuja meta para este ano indica produção total de 9 bilhões de litros. Só a Copersucar, na safra 1984/85 produziu 3,3 bilhões, contribuindo para a economia de divisas em petróleo, que é o objetivo do Proálcool.

Saúde



Na trilha da guerra atômica

A malária e a varíola poderiam ser erradicadas em todo o mundo com os recursos gastos em um só dia com armas nucleares. Mais: o custo de um submarino atômico equivale ao orçamento anual, em Saúde e Educação, de 23 países subdesenvolvidos com um total de 160 milhões de crianças. Números não faltam, nem mesmo argumentos, para demonstrar que com seus crescentes gastos em armamentos a humanidade está próxima da "epidemia final", a guerra nuclear.

Para evitar esse conflito de grandes proporções, sem similar na História, o médico Frederico Aun, chefe de equipe cirúrgica do Pronto-Socorro do Hospital das Clínicas e um dos vice-presidentes da Médicos Internacionais pela Prevenção da Guerra Nuclear, uma entidade mundial, defende a união de diplomatas e políticos de todos os países contra a guerra atômica.

Aun, 36 anos, diz que os efeitos de uma guerra nuclear, ainda que limitada, serão imprevisíveis, "não havendo possibilidade de se contar com qualquer tipo de assistência médica adequada". Segundo o médico, em alguns lugares do mundo há uma tentativa de se mostrar à opinião pública que a união de esforços da defesa civil com a assistência médica reduziriam os efeitos de um conflito desse tipo. Mas isso "é uma inverdade".

Se uma bomba de um megaton fosse lançada em Sidney, Austrália, por exemplo, o número de queimados, necessitando de cuidado hospitalar,

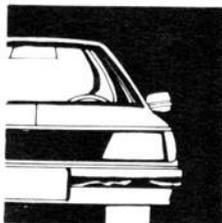
seria dez vezes maior do que o total de leitos existentes para essa especialidade em todo o mundo. Além disso, há indicações de que a concentração de hospitais e médicos nos centros das cidades traria mais prejuízos que benefícios: "Estima-se que entre 80 e 90% dos leitos hospitalares e de profissionais da área seriam destruídos e mortos".

A desproporção entre médicos e pacientes criada com um conflito desse tipo faria com que uma vítima nuclear só pudesse ser atendida pela primeira vez ou reexaminada após 14 dias. Isso em condições especiais, com cada sobrevivente sendo atendido por um prazo de dez minutos, quando o correto, num caso desse, é um tratamento intensivo com duração de seis meses a um ano. Há grupos de profissionais estudando esse assunto, de acordo com Frederico Aun, que acham que os médicos só teriam tempo de dar morfina a esses pacientes.

Um ataque limitado dentro dos Estados Unidos, com uma bomba de seis megatons, obrigaria um médico a atender em média 900 pacientes em estado crítico, "o que é inviável". Atualmente, calcula-se que existem 50 mil ogivas nucleares com um poder destrutivo de cerca de 20 mil megatons.

Pedro Zan/AE

Carros



O cinto visto pelos fabricantes

Desde janeiro, o uso do cinto de segurança é exigido também nas cidades. Estimulada por essa obrigatoriedade, já que é fator importante na segurança do condutor e passageiros, a



O furgão movido a óleo vegetal: para substituir o diesel

Volkswagen prossegue seu programa de instalar cintos de três pontos com retrator automático e duplo travamento em todas as suas linhas de veículos, em especial no Santana, onde também é utilizado no banco traseiro. Com uma eficiência provada em testes de impactos de veículos contra barreiras de concreto e carrocerias completas, os cintos devem ser utilizados com uma folga máxima que permita a colocação do punho do próprio usuário, entre o cinto e o tórax. Para o cinto sub-abdominal, as experiências determinaram que não deve existir nenhuma folga.

♦ Robert Gerrity, diretor-presidente da Ford do Brasil e principal articulador de um curso ministrado em todas as unidades industriais da empresa — onde o cinto de segurança é apresentado com uma das



Três pontos: o ideal

formas mais eficientes de reduzir as conseqüências graves em acidentes automobilísticos —, afirma que todos os trabalhadores devem estar engajados nos programas voltados para a segurança como instrumento de conscientização popular. Para ele, "o uso do cinto, transformado num hábito, em pouco tempo poderá atingir um padrão de segurança no trânsito mais compatível com seu estágio de desenvolvimento."

♦ O furgão Parati movido a óleo vegetal, desenvolvido pelo Departamento de Engenharia da Volkswagen, e que foi uma das novidades do Salão do Automóvel realizado no ano passado, com motor dianteiro de quatro cilindros e sistema de injeção indireta, consegue fazer 16,8 Km/l na cidade, enquanto que na estrada atinge 18,4 km/l. A Volkswagen vem desenvolvendo pesquisas para substituir o diesel nos motores desde 1980, onde os óleos vegetais destacam-se como fontes de energia alternativa. Um dos primeiros estudos da empresa foi com um modelo Passat diesel, de injeção indireta, alimentado integralmente a óleo de amendoim. Com os resultados animadores, passou a desenvolver pesquisas com óleos vegetais transesterificados — processados através da extração da glicerina tornando-os com características mais próximas do óleo diesel.

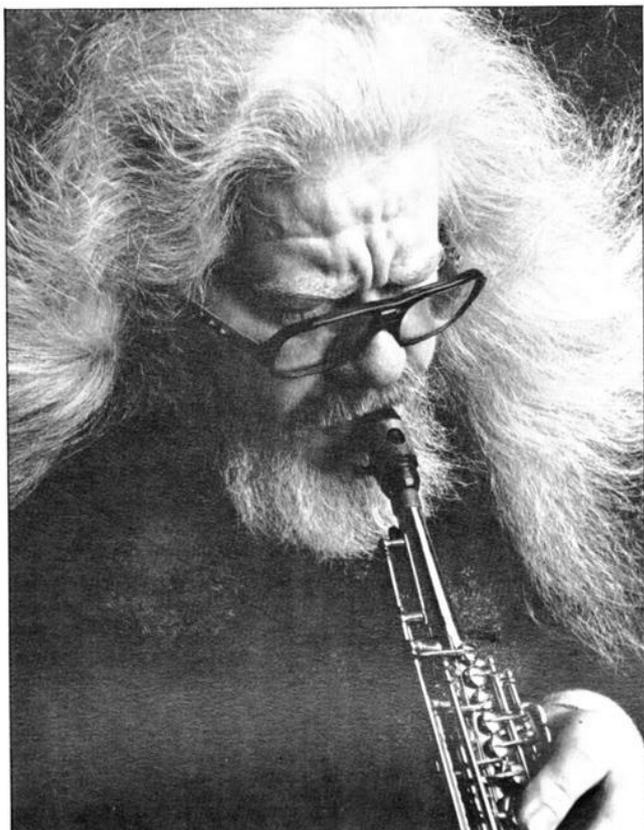
DISCOS



Uma festa de músicos brasileiros

Depois de um ano de muita juventude, muita cor e muito *rock and roll* dentro da música popular brasileira, nada melhor que uma pausa para meditação. Apesar de todo *Rock in Rio* presente diariamente nos *médias*. Para esse período de calma, dois discos brasileiríssimos que vão do *jazz* ao chorinho, do baião ao samba, em busca de raízes que acabam expostas genialmente: "Lagoa da Canoa - Município de Arapiraca", de Hermeto Pascoal & Grupo (LP Som da Gente) e "Gismonti", de Egberto Gismonti (LP EMI-Odeon).

De arrasar. Dois músicos que, apesar de todo o preconceito ainda existente no Brasil (por parte das gravadoras) de que disco instrumental não vende, conseguem manter, através dos anos, um trabalho



Hermeto Pascoal: desta vez, até futebol

coerente e de aguçado valor cultural. É claro que Blitz, Lulu Santos Roberto Carlos ou Barão Vermelho vendem mais que Hermeto Pascoal e Egberto Gismonti. Mas aqui o importante é frisar que os dois, reconhecidos internacio-

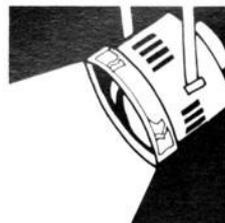
nalmente, continuam gravando e gravando um trabalho autêntico, criativo, genial, sempre inovador.

Hermeto começa a arrasar com "Ilza na Feijoada", música sempre *free*, descompromissada, meio doida. E vai até

"Tiruliruli", creditada a Osmar Santos (narração e canto). Nada mais nada menos do que a narração do jogo Corinthians e Flamengo, do dia 6 de maio de 1984. Hermeto sacou que aquilo era um autêntico cântico brasileiro e jogou-o no disco. Mas as surpresas não param aí: Hermeto colocou também no álbum o som de seu papagaio, que acompanha os instrumentos na música "Papagaio Alegre". Ou melhor, os instrumentos acompanham o papagaio. Aí está o segredo do gênio: Tudo é som, é só prestar atenção.

E Gismonti, com seu novo disco (que inicialmente iria se chamar "Bandeira Brasileira", mas o título foi vetado pela censura) também nos mostra o que há de melhor na música instrumental contemporânea brasileira. Gravado em seu estúdio próprio - o Porão, no Rio - ele tem a liberdade de captar os sons no ar e trabalhar sua música. Felizmente sem a interferência de modismos ou comércios. É o puro som brasileiro: é só conferir ouvindo "Festa Brasileira", "Carta Marítima", "Caravela", "Cigana" ou "Coração da Cidade." Uma verdadeira festa brasileira.

Alberto Villas



Palco

Autran, no palco como diretor

Um diretor bissexto? Talvez. E, como diretor, muitas vezes levando à cena trabalhos da dramaturgia internacional com maior ou menor sucesso - "O Homem Elefante", "Amante Inglesa" -, às vezes elogiado, outras esquecido. É Paulo Autran, o ator Paulo Autran, esse diretor



Egberto Gismonti: trabalho sem modismos

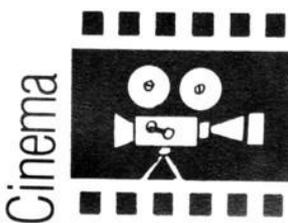
que, agora, coloca toda a sua experiência de palco, quase 40 anos, a serviço de um texto do autor russo Aleksei Arbuzov, "Quando o Coração Floresce", uma comédia à moda antiga. O título original da peça, "Staramodnaya Komediya", diz exatamente isso, e a sinópsse parece corroborar: um médico e uma de suas pacientes, um homem e uma mulher, começam a sentir que a vida passa a ter um outro significado quando estão juntos, partilhando dos mesmos momentos, vivendo um instante poético em que o coração desabrocha para o amor. Eles procuram ser mais fortes que esse sentimento que cresce, mas sucumbem à sua magia. Carlos Zara é o médico e Eva Wilma a paciente, juntos no Teatro Cultura Artística (rua Nestor Pestana, 196), de quinta-feira a domingo, marcando o início da temporada teatral de 1985.

"Quando o Coração Floresce" foi escrita em 1975 e após carreira em Lodz, Leninegrado e Bucareste, estreou em Londres, pela Royal Shakespeare Company, em 1976, prosseguindo depois em sua carreira no Ocidente. Como se pode ver, pela história, pela trilha percorrida, poucos riscos – depois de São Paulo, Eva e Zara pretendem se apresentar no Rio e em outras cidades, contando com a facilidade de serem as únicas presenças em cena, o que barateia a produção e facilita a locomoção. Nenhuma crítica, apenas uma realidade que tem amarrado a livre movimentação do teatro, alimentada por uma crise que se esqueceu de baixar o pano. A direção do espetáculo não marca uma interrupção na carreira de Paulo Autran-ator. Ele se prepara para estrear, em março, no teatro Maria Della Costa, duas peças. Isso mesmo, simultaneamente. Num dia, "Tartufo", de Molière; no outro, "Feliz Páscoa", de Poirer. "Quando Floresce o Coração" tem tradução de Marisa Murray, cenografia de Felipe Crescenti, música de Carlos Lyra e coreografia de Lala Deheinzelin.

Federico Mengozzi



Zara e Eva: descobrindo os mesmos momentos



Bons filmes e mercado pequeno

Brasileiro continua pensando que artigo importado é melhor. Como há 30

anos. Então, espanto quando um "Cabra Marcado para Morrer" ganha o FestRio. Um filme que não foi feito para ganhar festival e o FestRio também não foi feito para esse filme de Eduardo Coutinho sair de lá com o grande prêmio. Continua-se a preferir qualquer *starlet* de quatro pontas em diversos filmes, a uma senhora atriz brasileira. E assim por diante. Cineasta brasileiro só vale se for genioso, nunca genial. Diretor mesmo, por essa ótica, é só quem consegue ter tudo pronto às mãos.

Agora, saindo do FestRio e seu mundo particular – onde é



Cabra Marcado para Morrer: um vencedor, sem pretensões

mais importante saber qual droga toma fulano ou sicrano – e chegando a um outro festival que tem muito mais a ver com o brasileiros e os latino-americanos, descobre-se que lá fora o cinema brasileiro é melhor visto. Trata-se do Festival de Havana, que terminou no final de dezembro. Três filmes saíram premiados na lista dos quase 60 que concorriam. Nomes: "Memórias do Cárcere", de Néelson dos Santos, "Cabra Marcado para Morrer", de Eduardo Coutinho, e "Jango", de Sílvio Tendler. Nenhum outro filme levou qualquer outra coisa. A razão? Mui simples: cinema quem o faz é quem o entende, não quem vive dele apenas para viver melhor em outras bandas.

Todos esses filmes não podem pretender grandes mercados dentro do Brasil. Quando muito, salas pequenas durante algumas semanas. "Jango" já foi mais do que visto por todos. "Memórias", idem – quem não viu vai poder pegar a reprise que o Arouche B vai levar em fevereiro. E "Cabra Marcado para Morrer" cumpriu seu papel e o que dele se esperava – até que distribuidores e exibidores foram rápidos para aproveitar o prêmio do FestRio, ao contrário do que fizeram com alguns outros filmes que foram premiados, como "O Baiano Fantasma".

Pode-se, até, dizer que a questão política é a dominante nessas três obras e por isso os cubanos os premiaram. Mentira. O júri não era composto por cubanos e a politização desses três filmes até destoava do que estava sendo exibido – exceção feita para o incipiente cinema da guerrilha centro-americana que nada pesa no final das contas – a ponto do filme cubano mais forte ser uma comédia, que inclusive passou no FestRio, *Se Permuta*.

Daí a conclusão: uma obra de fôlego vale mil vezes mais do que qualquer atorzinho ou atrizinha candidata a aparecer em colunas sociais como novo caso de alguém, situação que cabe bem a 80% dos participantes do Fest Rio.

Maurício Ielo

Informática



Na era do cartão magnético

Bancos automatizados, que funcionam ininterruptamente e têm serviços disponíveis em qualquer ponto do país, oferecendo toda as comodidades aos clientes: este "banco do futuro", às vezes difícil de imaginar nas longas filas diante dos caixas ou na demora da compensação de cheques, está presente a cada dia na vida dos clientes. O sistema bancário brasileiro acompanha hoje o que há de mais avançado no mundo, em um processo de expansão que se intensifica diariamente.

A chave para ter acesso aos serviços eletrônicos, na maioria dos bancos, é o cartão magnético. Seus portadores, que hoje são cerca de três milhões de clientes do Bradesco, um milhão de clientes do Itaú e 1,6 milhão de clientes dos seis bancos em operação no Caixa Automático 24 Horas, dispõem de serviços oferecidos nas próprias agências ou em cabinas espalhadas nas principais cidades do Brasil.

A nova mentalidade transmitida ao cliente é a de que, ao abrir uma conta, ele não trabalhará apenas com a sua agência, mas com todo o sistema interligado de serviços que o banco oferece. Na concorrência, os grandes bancos se apressam em desenvolver sistemas de prestação de serviços que satisfaçam seus clientes e atraiam outros.

AGÊNCIAS - Das 1.514 agências do Bradesco, 360 estão interligadas ao Bradesco Instantâneo, assim como 45 postos de serviços, em um total de 14,3 mil terminais de computadores. Até o final do ano foram 422 agências e 110

postos de serviços interligados ao computador central do banco *on line* e *real time*, registrando qualquer movimento na conta no momento em que é feito. Com quase dez mil funcionários na área de informática, o Bradesco tem 114 subcentros regionais, que descentralizam as operações, e uma capacidade de 106 milhões de instruções por segundo. O diretor de Marketing do banco, Luiz Carlos Trabuço Cappi, informou que foram efetuadas 215 mil transações de clientes fora de sua agência em um dia de pico.

O Itaú tem hoje 1.100 agências e postos de serviços, dos quais 351 eletrônicas, e até maio deste ano serão 450 agências e postos operando *on line* e *real time*. Entre outros serviços, os clientes das agências eletrônicas dispõem de informações imediatas e seguras sobre sua conta corrente, poupança e emissão de extratos, e os terminais de caixa permitem sacar, fazer depósitos e pagar contas.

CABINAS - As transferências de fundos, saques e depósitos são transações que podem ser feitas nas cabinas do Caixa Automático Banco 24 Horas, que reúne 18 bancos, dos quais seis já estão operando. São nove cabinas em São Paulo, oito no Rio de Janeiro e quatro em Curitiba, e até dezembro serão instaladas

outras em Belo Horizonte e Porto Alegre. O gerente de comunicação da Tecnologia Bancária, Fernando de Paiva Fagundes, previu que até o final do ano mais de dez bancos devem estar operando no sistema, e informou que a empresa comprou mais 130 ATM para instalação.

O Banco 24 Horas estará trabalhando *on line* neste ano, em todo o sistema, o que hoje só ocorre entre o quiosque e a central de computadores da Tecnologia Bancária. De lá é feito o processamento de dados até o banco. O Bradesco Instantâneo está operando *on line* em 11 ATM instalados em cabinas em São Paulo e no Rio de Janeiro, e instalará mais 30 ATM da SID no primeiro trimestre de 1985. Segundo o diretor de Marketing do Bradesco, as cabinas vêm complementar os serviços do Bradesco Instantâneo, estendendo-os noite e dia. O Caixa Eletrônico Itaú conta com uma rede de 23 caixas instaladas e sete em fase de instalação, e está implantando os sistemas de pagamento de contas e transferência de fundos.

CARTÕES - Os bancos diferem em relação aos critérios de distribuição de cartões magnéticos, pelo menos nesta fase inicial. Trabuço lembrou que o Bradesco é "um banco de varejo", que distribui maciçamente os car-

tões e já pode sentir a validade do sistema nas duas pontas: os clientes de maior poder aquisitivo, que apreciam o *status* do cartão, e os de classe C e D, que tiveram suas operações bancárias simplificadas e nem precisam assinar cheques pelo uso do cartão.

O diretor de planejamento e Marketing do Itaú, Antônio Jacinto Matias, destacou que seu banco optou por uma distribuição seletiva, somente aos portadores do cheque cinco estrelas, por considerar que seus clientes já têm acesso a uma série de serviços de automação. Os bancos que integram o sistema 24 Horas definem seu próprio critério de distribuição, e o Unibanco, por exemplo, optou pela entrega a todos os clientes.

COMPRAS - O mais novo mercado em que a automação bancária está competindo é o de compras por terminal de computador chamado Terminal de Compras no serviço do Banco 24 Horas e Telecompra no Bradesco Instantâneo. Pelo sistema, o portador de cartão paga sua compra com ele, autorizando o débito através do terminal de computador. Com 200 instalações contratadas e 80 lojas operando, o terminal de compras funciona também em 17 postos Atlantic e espera atingir cinco mil terminais até o final de 1985.

O Telecompras Bradesco tem quase 200 terminais em instalação em lojas e postos da Petrobrás. A maior parte dos terminais de Telecompras está nos *shoppings* Iguatemi e Eldorado, enquanto o Terminal de Compras se concentra principalmente nos *shoppings* Ibirapuera e Iguatemi.

O diretor do Itaú, no entanto, considerou "sonho de uma noite de verão" a substituição do cheque pelo cartão magnético nos pagamentos, dizendo que em nenhum país o cheque foi eliminado. Matias destacou que o Itaú trabalha há anos com a Credicard, pois a direção do banco concluiu que o primeiro terminal de transferência de fundos não deveria partir da rede bancária.

Celina Monteiro de Barros



Cartões magnéticos: chave para o serviço eletrônico

História esquecida

As velhas construções de taipa vão aos poucos sendo devastadas pelos proprietários

A despreocupação dos Poderes Públicos associada à falta de consciência da própria comunidade quanto à importância da preservação de seu patrimônio histórico resultou, nos últimos anos, no desenvolvimento acelerado de um processo de descaracterização da área central de Mogi das Cruzes, que dificilmente encontrará condições para impedir esta transformação.

Não somente os prédios característicos do período colonial precisariam ter sido conservados por seus valores arquitetônicos, ao longo das últimas décadas, mas todos aqueles que possuem valor histórico e marcaram épocas distintas, como residências de taipa e prédios semelhantes ao da antiga Prefeitura Municipal, na rua José Bonifácio, onde poderiam se desenvolver principalmente atividades culturais.

Esta proposta de estímulo à ocupação de prédios históricos vem sendo atentamente observada em cidades como Embu e Ouro Preto – e está presente no projeto paisagístico, elaborado pelo arquiteto Harry Cole, prevendo a conservação dos prédios situados entre os largos do Carmo e Bom Jesus, mas que acabou engavetado em administrações passadas sob a alegação de falta de verbas para sua implantação.

De acordo com o projeto, as duas praças seriam interligadas, através da rua Dr. Corrêa, que seria transformada em calçada. Todas as construções da área seriam cuidadosamente preservadas e, sempre que possível, transformadas em casas comerciais para abrigar restaurantes, cafés, livrarias e promoções culturais.

Mas, enquanto projetos de preservação continuarem engavetados, prédios como o da Banda Santa Cecília, da década de 30, e da atual churrascaria Colonial, construção do final do século passado, responsáveis pela valorização histórica do largo do Carmo, permanecerão ameaçados pela especulação imobiliária.

Outros, já muito danificados pelo uso indevido, deverão desaparecer ainda mais rapida-



Chandon: boa receita



No centro: resistência

Fotos Marcos Lima

mente. É o caso, por exemplo, do prédio utilizado pela unidade II do Instituto Placidina, na rua Senador Dantas, esquina com Dr. Corrêa, e o da Pensão Mineira, altura do número 484 da mesma rua, que, no ano passado, perdeu uma valiosa construção de taipa.

Ao contrário do que fizeram Márcia Telles e Eugênio Matias ao transformar uma construção, da rua Barão de Jaciguai, tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico (Condephaat), na casa noturna Café Chandon, valorizando os detalhes da casa de mais de 150 anos, os proprietários do prédio de taipa da rua Senador Dantas, esquina com a travessa João de Souza Machado, onde por muito tempo funcionou um depósito de bananas, deixaram que uma forte chuva se encarregasse de sua demolição. A taipa estava exposta à infiltração das águas.

SEM CRITÉRIOS – Para o arquiteto Aldemy Gomes de Oliveira, o processo de descaracterização do centro da cidade somente será interrompido quando a Prefeitura Municipal, o Condephaat e a Secretaria do Patrimônio His-

tórico e Artístico Nacional se reunirem para estabelecer a forma de ocupação daquela área urbana. “O que faltou até agora foram critérios para uso e ocupação do centro antigo”, diz ele, alertando, porém, para o fato de que qualquer nova legislação precisará do apoio e interesse da população porque “os decretos não costumam alterar a mentalidade dos povos” e, desta forma, qualquer lei muito rígida tende a ser burrada.

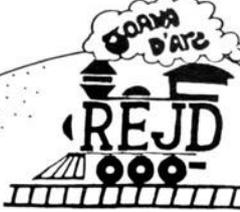
Diante da grande perda do patrimônio histórico do município, o arquiteto Aldemy constata outro fator que contribuiu para a rápida transformação: o tombamento de prédios particulares. O Casarão do Chá, pertencente ao vereador Sethiro Namie, é um exemplo típico. Do proprietário não se exige a restauração, mas por ser particular a destinação de verba não pode ser efetivada.

Integrante da Associação de Engenheiros e Arquitetos de Mogi das Cruzes, Aldemy reconhece que a entidade deveria ter desempenhado um papel importante na luta pela preservação da memória

histórica da cidade, onde apenas as igrejas do Carmo mostram há quantos séculos foi fundada. “Empenho houve”, garante, “mas de uma minoria”. As escolas superiores de História e Arquitetura e Urbanismo de Mogi também poderiam ter prestado seu auxílio. Juntamente com as entidades de classe e a comunidade mogiana exerceriam pressão sobre os Poderes Públicos para a efetivação de idéias como a de criação das ruas de pedestres.

Onde foram criados, os calçadões comprovaram ser estímulo ao comércio e garantia da devolução aos pedestres do espaço ocupado pelos veículos, oferecendo maior segurança às construções situadas em ruas muito estreitas. Em Mogi não há calçadões, mas construções de taipa em diminutas artérias que precisam ser preservadas: a da rua Manoel Caetano, esquina com Coronel Souza Franco, resistiu aos anos e ainda abriga uma tapeçaria, o mesmo ocorrendo com a residência existente na esquina das ruas Manoel Caetano e Flaviano de Melo, erguida no final do século passado.

• Lenilde Pacheco



REJD
JOANA D'ARC

Recreio Educacional "JOANA D'ARC"

Pré-Escola
Maternal • Jardim • Pré • Prontidão
Ballet • Natação
(Piscina coberta e aquecida)

Orientação à base de carinho.

Rua Francisco Franco, 378 - Fone 469-9351 - Mogi das Cruzes

MATRÍCULAS
ABERTAS



KIYOKAWA

imóveis creci 8287

**PARA ADMINISTRAÇÃO
CONFIE SEUS IMÓVEIS
COM SEGURANÇA
NO RECEBIMENTO**

**R. Navajas, 97 - Mogi das Cruzes - SP
Tel. 469-4211 (KS)**



Amaryldes: rumo ao miss São Paulo

Se para Amaryldes Aparecida Nóbrega Santos uma manequim formada em técnicas de nutrição e dietética de 18 anos, eleita em dezembro miss Mogi 1984, o próximo passo é vencer o concurso de miss São Paulo, ainda neste semestre, para sua mãe o título materializou anos de sonho – nos meses em que gerava Amaryldes acalentava a esperança de ver a filha como aquelas belas moças que via na TV desfilando nas passarelas do miss Brasil, programa que não perdia. Sonho realizado, Amaryldes, que desfila moda como *free-lancer* na capital está aguardando o concurso com uma agenda repleta de compromissos marcados pela Atlanta Promoções Artísticas, uma firma mogiana de empreendimentos que tem como um dos objetivos reativar os concursos de beleza.

Empenhada na luta, a miss Mogi acredita que a decadência desses certames deve-se principalmente à falta de apoio da imprensa e também da comunidade, mas mesmo assim promete representar muito bem sua cidade – “é a mulher mogiana”. Enquanto Amaryldes dedica todo seu tempo aos preparativos do miss São Paulo, preocupada em conciliar a carreira de modelo, a vontade de cursar uma faculdade de Comunica-

ção Social, estando de olho ainda na possibilidade de trabalhar com a moda, outras mogianas ex-misses já têm uma posição mais crítica em relação aos concursos.

Joana D'Arc Nagib, 42 anos, miss Mogi e miss Interior em 1963, que na juventude sentiu-se muito importante com os títulos, aponta a evolução dos costumes e da própria mulher, que deixou de ser “parcialmente” um objeto, para não ver mais qualquer significado nos concursos. “Fiquei sabendo do último miss Mogi, mas não cheguei a ficar entusiasmada. Agora, dou importância a outras coisas – a aparência só é importante para me sentir bem”.

Maria Aparecida Hardt Pires foi miss Mogi em 1962, quando tinha 18 anos, colocando-se em terceiro lugar no miss São Paulo. Embora tenha achado muito bonito concursos de sua época, sabe que sua filha hoje não participaria de uma promoção igual. “Tudo mudou e para maioria da juventude atual é uma coisa cafona, uma mudança que os próprios responsáveis pelos concursos deixaram ocorrer”. Apesar disso, ela fica satisfeita quando alguém se recorda do título que conquistou, lamenta a falta de promoção e apoio da cidade para eventos do gênero, mas garante: se tivesse 18 anos novamente não pisaria na passarela.

Preocupado com os modelos das macas existentes no Brasil, o enfermeiro **Sidney de Almeida**, do Hospital Ipiranga, projetou com base em padrões técnicos norte-americanos um novo tipo de maca, que facilita o trabalho da equipe médica e oferece maior segurança para o paciente. O novo equipamento, adotado pelo Pronto Socorro do hospital, é mais largo que as macas comuns: tem aproximadamente 60 centímetros, grades de proteção e o que é mais importante, segundo o enfermeiro – transporta os pacientes sentados. As macas normais utilizadas no Brasil apenas elevam a cabeça do doente, o que não é recomendável em determinadas situações, quando o paciente deve ser transportado sentado.

Sidney de Almeida aproveitou o espaço morto existente em baixo da maca e projetou uma bandeja, que serve para colocar equipamentos médicos, embutindo lá também um suporte para os vidros de soro. O Ipiranga construiu 12 macas seguindo as orientações de Sidney, que coloca o projeto à disposição de hospitais e centros de emergência.



Batista: agenda cheia

O metalúrgico aposentado **Hélio Lopes Batista**, 37 anos, escolheu um novo estilo de vida para sobreviver. Apaixonado pela música desde criança, Hélio, que é cego há 36 anos começou tocando gaita de boca aos sete e, aos 10 anos, quando seus pais descobriram que tinha talento para a música, foi aprender acordeão e depois estudou um pouco de piano. Aos 18 anos, passou para o órgão, instrumento que aprendeu a tocar de ouvido e que hoje manipula com a maior facilidade, tocando em festas de aniversário, casamentos e em casas noturnas.

A cegueira nunca o prejudicou no aprendizado e nem em suas apresentações, como conta Hélio, que ao se aposentar passou a se dedicar mais à música tocando em casas noturnas como La Petit, Aquarius, Pianos Bar e Pinhal Restaurante, onde atualmente faz apresentações nos fins de semana. Além dessas atividades, ele iniciou um novo trabalho no final do ano passado, quando adquiriu seu próprio órgão.

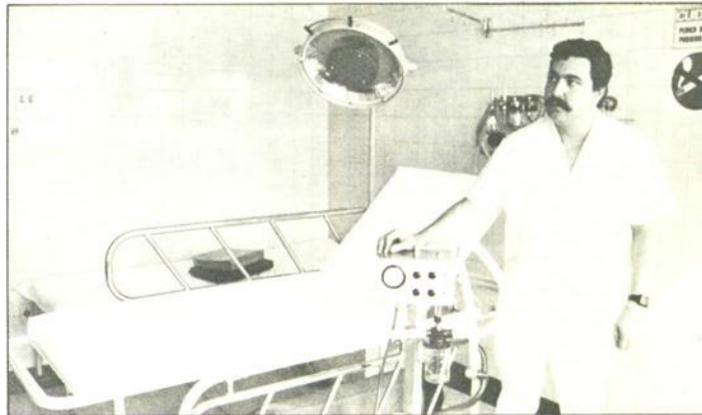
A procura tem sido boa, segundo Hélio, que espera alcançar o sucesso em sua nova profissão, tanto que aqueles que estiveram interessados devem procurá-lo com vinte dias de antecedência.



Joana: sem entusiasmo



Maria: boas lembranças



Almeida e sua maca: pensando nos pacientes

Em 1978, quando resolveu vender o restaurante Sergio's que mantinha em Mogi para desenvolver suas atividades em Ubatuba, no Litoral Norte do Estado, **Sergio Lunardi** sabia que o desafio era grande, mas que também a chance de crescimento valia a pena. Não estava enganado. Sete anos depois - ou seis temporadas, como se diz na praia - Lunardi transformou-se num dos mais bem sucedidos comerciantes de Ubatuba, onde sua sorveteria e pizzaria fica tão apinhada de gente que a bateria de garçons que ele utiliza nesses meses do ano precisa ser alojada numa casa mantida especialmente para isso.

Com o sucesso da Sorveteria Sérgio Lunardi resolveu repetir a dose e montou um segundo estabelecimento, semelhante, o San Remo, depois vendido. Negócios prosperando ele adquiriu vários terrenos em cantos privilegiados de Ubatuba e envolveu-se com a vida da comunidade chegando à vice-presidência da Associação Comercial de Ubatuba. Junto com a mulher Edna ele se prepara agora para um passo mais ambicioso - a construção de um hotel e com isso acompanhar a rápida escalada do ramo hoteleiro da cidade. Para esse empreendimento ele calcula aos preços de hoje a quantia de US\$ 500 mil dólares, ou Cr\$ 2 bilhões. Antes do hotel, porém, ele já partiu para outro empreendimento, a danceteria Aeroporto 85, com lotação total nessa temporada. "Ubatuba é uma cidade excepcional: ótima para trabalhar e excelente para a saúde dos filhos" - resume, satisfeito.



Armando, Dimas Carlos : Enduro

As motocicletas não são mais apenas um hobby para **Dimas e Carlos Castilho**: aproveitando o gosto antigo pelas duas rodas, Dimas associou-se a **Armando Castilho**, pai de Carlos, e os três montaram uma revenda da marca Agrale, motos que usam a tecnologia italiana da Cagiva. Entre os próximos planos de Dimas e Carlos estão a inauguração de uma pista de *supercross*, numa área no início da rodovia Mogi-Bertioga, a importação de duas Cagivas especiais de corrida para os pilotos patrocinados pela Universidade de Mogi das Cruzes, Emídio Rodrigues e Paulo Matos, e a organização de uma grande equipe para participar do Enduro das Praias, prova difícilíssima que será realizada pela segunda vez na praia de Guaratuba, em Bertioga, dia 10 de março.



Edna e Sergio: hotel em Ubatuba

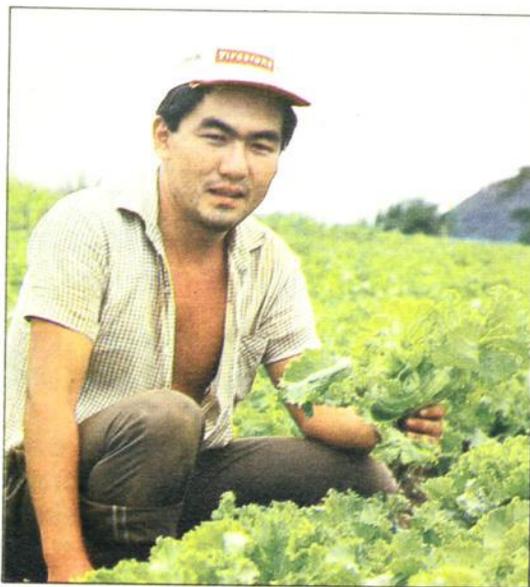
Avontade de trabalhar com crianças era comum e a nutricionista **Maria Flávia Couto Novaes**, 26 anos, junto com **Cristina Marques Cota Pacheco**, 24, formada em enfermagem, resolveram criar uma escola-hotel para o público de 0 a 5 anos, cujas mães trabalham fora ou precisam fazer compras e sair à noite. A Raio de Sol funciona das 7 às 19 horas para o maternal e o jardim de infância, enquanto que o hotel fica aberto até meia-noite. "A idéia surgiu há quase um ano, num período de



Cristina e Flávia: incluindo um atelier

crise não muito recomendável para a abertura de novos negócios", admite Maria Flávia, "mas apostamos num setor pouco explorado na cidade". As sócias já pensam em ampliar a escola com a instalação de mais duas classes e um *atelier* destinado às "artes" de seus pequenos hóspedes.

Em 1981, o agricultor **Carlos Keniti Yamayoshi** descobriu que a alface de folhas crespas, do tipo americano, não era apenas uma variedade a mais de hortaliça - representava um bom negócio. Tanto que passou a vender exclusivamente para a rede Mc Donald's. Em janeiro, apenas para o *Rock in Rio*, Yamayoshi plantou uma cota extra de 25 mil pés consumidos na lanchonete montada em Jacarepaguá. Único agricultor que cultiva esse produto em Mogi, Yamayoshi vende diariamente uma média de 4.500 pés ao Mc Donald's, um ovo de Colombo cujo plantio é mais simples que as alfaves de outros tipos, pois dispensa o replantio da mudas.



Yamayoshi: sucesso com o alface crocante

A plantação ocupa uma área de três alqueires num sítio do bairro do Rio Acima, onde mensalmente ele planta um quilo e meio de sementes importadas dos Estados Unidos, que lhe custam cerca de Cr\$ 80 mil o quilo. A alface americana, também conhecida como crocante, diferencia-se das demais por ser mais resistente ao calor. Do plantio à colheita são necessários, em época de frio, 90 dias, e no verão, 60. "A produção extra deu um pouco de trabalho, mas compensou", diz satisfeito o agricultor.

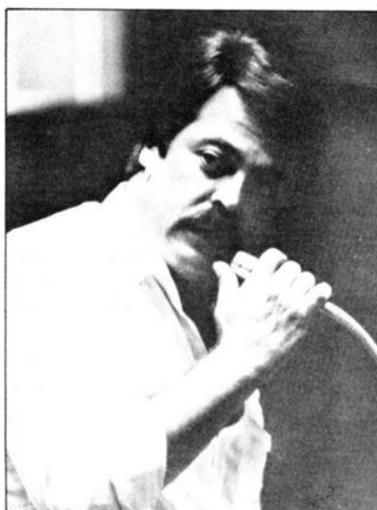
CALDEIRÃO

EME

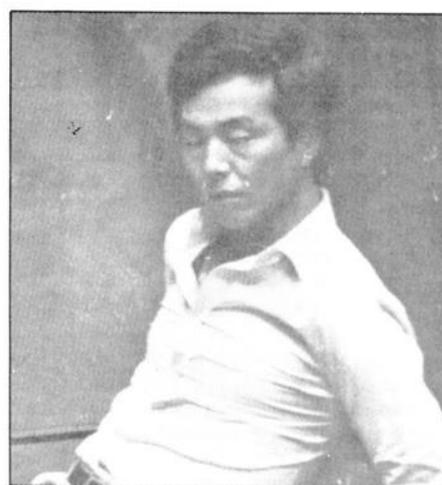
CÂMARA: ELEIÇÃO DA MESA



José Marcos - presidente
"Mais um mineiro que leva, uai!"



Mangueira - vice
Mais liso do que o Sarney: é o Nicolau de bigode.



Olímpio - 2.º secretário
Sonhou ser presidente, acabou virando "carimbador" e ganhando o apelido de "garganta de jacaré".



Romildo - 1.º secretário
"Confiei no Luiz Teixeira e fiquei deste tamanho politicamente".



Cuco, uma pena
"Eu seria, para o partido, o melhor presidente, mas fui vetado pelo prefeito e o 'vovô' levou".



Ivan, o terrível
"Comigo o Romildo não tem vez, Chê".

ESCOLA BANDEIRANTES DE MOGI DAS CRUZES

MATERNAL - PRÉ-PRIMÁRIO - 1.º GRAU (1.ª À 8.ª SÉRIE)



MATRÍCULAS ABERTAS

"A criança deve ser educada
para ser livre, responsável, autônoma,
de espírito crítico e criador."

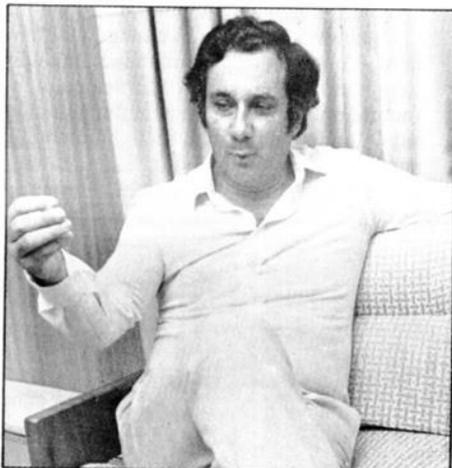
Av. Brás de Pina, 1125 - Alto Ipiranga - Tel. 469.3990/469.9789 - Mogi das Cruzes.

A FOTO DO FATO



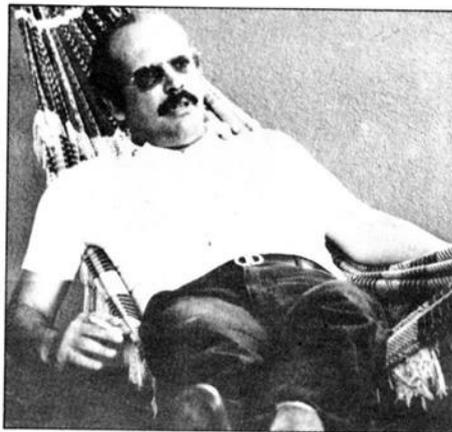
- O que você está procurando aí?
- O voto que você prometeu para mim, ué!

PDS APOIANDO



Chico otimista: "Por tudo que falou e prometeu fazer, acredito, confio e ajudo o Machado pois se a dupla (Jacob e Maurício) fenecer, ele me apóia tranqüilo para deputado".

PREFEITURA 85: PAZ NO "OLIMPO" DO MACHADO



Machado tranqüilo, prometendo: Mudança na captação do Sema, estação rodoviária, estádio municipal, lixo privatizado, projeto Cura para Cezar, Mogi-Bertioga pro Estado, praças remodeladas, ruas sem buracos, Mogi-Pindorama pavimentada, privatização do Parque Municipal, Placom a todo vapor, secretariado estável, Câmara obediente, oposição somada, etc... Vamos dar um voto de confiança a ele, pois só uma pessoa que tem fé no que diz, pode, desde já, estar "deitado em rede esplêndida".

ARGEU CONFIANTE



"Graças ao papai aqui, Finanças e Administração tudo OK. A única coisa que está faltando é ele efetivar o Joãozinho".

... E O VICE VOLTOU



Waltely: "Perante Cristo e do próprio, retiro tudo que disse dele quando saí e volto para a Prefeitura com o coração cheio de amor para dar".

BRASÍLIA, URGENTE

INFORMO PREFEITURA MOGI DA CRUZES QUE CUNHADO FUTURO PRESIDENTE DA REPUBLICA QUE FARIA LIGAÇÃO PLANALTO MOGI JA MORREU PT ASSIM VG SUGERIMOS QUE CONTATO REFERIDO CUNHADO SEJA FEITO ATRAVES PODERES MEDIUNICOS SENHOR ALVARO CAMPOS CARNEIRO VG EX VICE PREFEITO DESTA GRANDE E PROGRESSISTA CIDADE ESTADO DE SAO PAULO PT SEM MAIS VG CORDIAIS SAUDAÇÕES PT

MAURO SALLES - BRASILIA



SUPERMERCADO SHIBATA

Onde você encontra
entre uma variada linha de produtos
da mais alta qualidade,
os preços mais baixos da cidade.

Av. São Paulo, 564 - Bairro Socorro - Mogi das Cruzes - Fone: 469-8801

Bagunça oficial

Nomes repetidos e numeração diferente nas ruas de Mogi

Imagine uma carta endereçada à rua Deodato Wertheimer, número 100. O envelope, caso não possua a especificação do bairro destinado, poderá chegar ao centro da cidade ou a um dos distritos mogianos – Braz Cubas, Taiaçupeba e César de Souza –, pois nos quatro locais existem ruas com o mesmo nome. Essa situação, um sério problema enfrentado pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, serve para exemplificar a confusão provocada pelas constantes alterações na nomenclatura de ruas, bagunça alimentada pela Câmara Municipal, extremamente eficiente na fabricação de novos nomes.

Entregando uma média de 30 mil cartas por dia – número que dobra no fim de ano –, os carteiros são obrigados a verificar, quase que diariamente, o guia da cidade e a lista telefônica para que as cartas não sejam devolvidas com o carimbo informando “rua desconhecida”. O problema ocorre principalmente nos bairros onde, além de nomes iguais e de constantes alterações nas denominações, as vias públicas têm numeração irregular. De identificações como 1A, 2A, o número muda para 1600, conforme explica o chefe do Centro de Distribuição



RUA
DR. DEODATO
WERTHEIMER

Numeração dupla: problema para os carteiros

Domiciliar de Mogi das Cruzes, Amauri Guimarães de Oliveira.

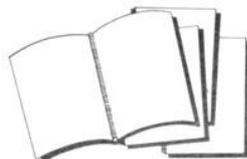
No centro da cidade, o maior problema é com a Dr. Deodato. Se não bastasse esse nome constar em mais três ruas do município, os imóveis instalados nessa via têm duas numerações. Na ocasião em que houve a mudança - há cerca de quatro anos - o problema afetou também o comércio, que foi obrigado a mudar documentos e impressos. Para a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos o ideal seria a Prefeitura fazer a comunicação. Entretanto, isso não ocorre, conforme Amauri Guimarães, que destaca: há casos em que nem a Prefeitura sabe o nome da rua.

Na verdade, o problema de nomenclatura de ruas em Mogi é antigo, tendo começado há mais de 20 anos, quando foi realizado um traba-

lho para a reestruturação da planta da cidade. Havia várias ruas sem nome e eles foram sendo preenchidos sem qualquer critério. Algum tempo depois, o historiador Isaac Grinberg, que estava trabalhando no Plano Diretor da cidade, fez um levantamento sobre nomenclaturas de vias, encontrando algumas dificuldades para concluir o trabalho, pois havia cerca de 30 nomes de pessoas as quais Isaac afirma não ter conseguido descobrir quem eram e nem de onde vinham.

O problema continuou e no segundo governo de Waldemar Costa Filho foi criada uma comissão para estudar a questão. Naquela época foram denominadas mais de mil ruas e colocadas 20 mil placas, segundo Sylvio Pires, que presidiu a comissão. Costa Filho baixou um decreto dando nomes de peixes, animais, flo-

Apostila-caderno



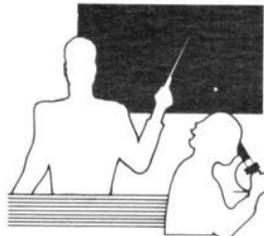
Uma criação do Sistema Anglo que garante a sua participação na aula.

Coleção Anglo



Toda teoria exigida no vestibular reunida em livros editados especialmente para os alunos do Sistema Anglo.

Professores do Anglo



Os melhores professores estão no Sistema Anglo: uma equipe de altíssimo nível especializada em vestibulares.

EXTENSIVO 85



SETE VESTIBULARES
CONSELHO DE AMIGO

MATRÍCULAS ABERTAS

R. Tte. Manoel Alves, 674 - Fone: 469 3321 - M. CRUZES

AVENIDA
SANTA RITA



Moradores reclamam e nome volta

res, pássaros, rios, árvores, personalidades e até de empresas de aviação às vias públicas.

Mas, nem com tantas denominações o problema foi resolvido e hoje um dos fatores que continuam prejudicando, principalmente o serviço de correio, são as alterações feitas, na maioria das vezes, por indicação de vereadores. A questão chega a causar, inclusive, impasse entre o Legislativo, Executivo e a população, como foi o caso da rua Santa Rita, no bairro do Socorro, onde após ter baixado um decreto alterando o nome da rua para Coronel Fernão Guedes de Souza, o prefeito Antonio Carlos Machado Teixeira teve de enviar um projeto para a Câmara revogando seu decreto, pois os moradores do local, inconformados com a mudança, fizeram um abaixo assinado pedindo a permanência do nome de Santa Rita.

CULTURA

História urbana

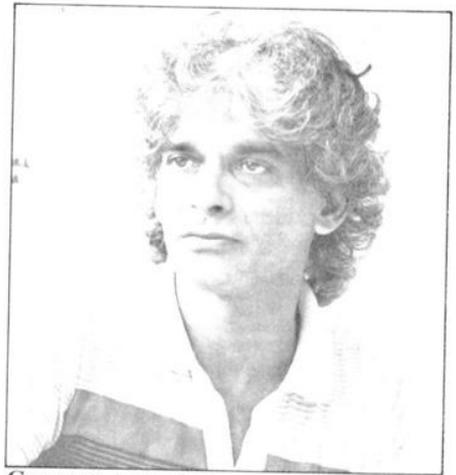
O projeto Povo e Memória vai contar a história dos bairros

Mogi das Cruzes poderá ter, a partir deste ano, a história de seus bairros documentada num trabalho de pesquisa, depoimentos e fotografias, que está sendo desenvolvido pelo professor José Ralf Campos, do Departamento Municipal de Cultura, e alunos da Faculdade de Comunicação Social Braz Cubas. Trata-se do projeto Povo, Memória e Arte, que tem por objetivo dar liberdade de manifestação e expressão aos cidadãos. O projeto busca, fundamentalmente, a voz das camadas populares ausentes, não só pelo ponto de vista, mas pelos personagens, na construção do país, conforme garante o coordenador do trabalho.

Com a meta de permitir ao povo que trabalhe mais a sua simbologia, o projeto será desenvolvido em duas fases básicas. A primeira, Memória Popular, consiste na história dos bairros contada pelos moradores, com o drama humano recheando a história. O objetivo dessa etapa é captar o imaginário (contos, lendas, frases feitas, cantigas e provérbios), suas lutas (a própria sobrevivência, as lutas sindicais e políticas) e as tradições, como a festa do Divino, uma cultura popular vista como folclore, o que

não espelha a realidade do brasileiro. A segunda etapa do projeto é devolver ao bairro o material coletado, através de uma exposição fotográfica e dos depoimentos.

Segundo Ralf Campos, já foi desenvolvida uma parte do projeto, com as pesquisas junto a moradores mais antigos dos bairros São João, Vila Natal, Cesar de Souza, Jardim Universo, Sabaúna, Mogilar e Biritiba Ussu. E o mais importante nesse trabalho, na opinião do professor, foi o fato de dar voz a quem não tinha até então. Ralf pretende dar continuidade ao projeto este ano, estendendo o trabalho aos demais bairros da cidade para que todos tenham a sua história registrada, através da visão popular. ●



Campos: a voz do povo

ARROZ
AGULHINHA AMERICANO
TIO CHICO

Comal
AGULHINHA
ARROZ EXTRA

A receita do sabor é simples: qualidade.

COMAL - Beneficiadora e empacotamento de arroz
Av. Amazonas, 935 - Fone 469 4099 - Mogi das Cruzes - SP

FARMÁCIA BIOFORMULA

Laboratório de Manipulação

Para um verão mais natural

* bronzeadores com filtro solar,
de cenoura e urucum

* hidratantes para o corpo

Para o rejuvenescimento de sua pele

* creme de collagen para
prevenir rugas

* creme de elastina para
combater flacidez

* creme de placenta para
envelhecimento precoce

Aviamento de fórmulas médicas personalizadas

Entrega em 24 horas

Produtos naturais em
cápsulas

R. João C.S. Primo, 74 - Vila
Hélio - 460-2466 - Mogi das Cruzes
Av. Nove de Julho, 542
22-2214 - S. José dos Campos

LATICÍNIOS MARAVILHA



Frios, queijos e vinhos
de qualidade,
comprovando uma
tradição de 26 anos.

R. Cel. Souza Franco, 594
Tel. 469-5900
Av. Francisco Rodrigues Filho, 951
Tel. 468-2911
Mogi das Cruzes - SP

PONTO DE ENCONTRO



Em breve, o refrigerante Pepsi voltará com carga máxima ao mercado paulista, após um período onde ficou praticamente esquecido nas prateleiras dos bares e supermercados de São Paulo. A decisão, tomada no final de 1984, deve-se a um contrato de concessão de engarrafamento firmado entre a indústria e a Brahma, e que representou, já neste ano, um reaquecimento nas praças de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, figurando, inclusive, como refrigerante exclusivo no festival *Rock in Rio*. A perspectiva de uma melhora nas vendas de bebidas, depois de acentuadas quedas nos últimos três anos, foi ressaltada por Artur José dos Santos, proprietário da Dibemol - Distribuidora de bebidas Mogi -, representante da Brahma, em recente visita feita à sede da ATO.

Instalada há 42 anos em Mogi, a Dibemol posiciona-se como a segunda distribuidora mais antiga da Brahma no Estado de São Paulo, perdendo somente para a cidade de Jundiaí. Além da fábrica na capital paulista, de quem é

sediada, para abastecer mais de 1400 pontos de venda espalhados pela região, Artur tem de recorrer às indústrias de Agudos, em São Paulo, Mateus Leme, em Minas Gerais e Curitiba, no Paraná, diminuindo sua margem de lucro devido à distância entre o produtor e Mogi das Cruzes. Isso influi no tempo de entrega das bebidas na cidade.

O empresário Artur dos Santos aponta uma retração no comércio de bebidas, principalmente de cerveja, neste verão, que segundo ele, "está deixando a desejar". Os dias de calor no mês de janeiro foram poucos, provocando uma queda nas vendas. Entretanto, a expectativa para o Carnaval é de uma boa melhora. "Mesmo com o tempo ruim, os clubes não deixam de comprar cerveja para os bailes carnavalescos", assegura Santos. Outro ponto destacado foi a ascensão da cerveja Malt 90, de sabor mais suave. Nos países mais desenvolvidos, o tipo já ocupa a maior parte do faturamento. No Brasil, a participação da cerveja Malt 90 chega a 10%, segundo o empresário.

TREVISAN, ARRUDA & ADVOGADOS ASSOCIADOS, S/C

Pça. Pe. Manoel da Nóbrega, 16 - 11.º - Centro
Telefone: 37-1591 - CEP 01015
Telex - (011) 22382 - São Paulo
Palácio Comércio, 13.º - cjs. 1301 e 1302
Tels.: 226-3352 - 226-3273 - CEP 70318
Setor Com. Sul - Telex - (061) 1.691 - Brasília

O retorno do vice

Waltely Aquino volta à Prefeitura, Machado inicia o 3.º ano e a cidade não tem motivos para comemorar

Depois de no início da administração, quando ocupava a coordenadoria de Finanças, ter-se desentendido com o prefeito, afastando-se do cargo, o vice-prefeito Waltely Aquino de Oliveira manteve uma discreta e mineira atuação: em rodas de amigos ou em confidências mantinha posição crítica diante dos desacertos e nas reuniões do partido sempre falou o que julgava ser necessário. Foi contra o empréstimo em dólares, indignou-se contra a caravana da Prefeitura que foi torcer contra a emenda Dante de Oliveira e outros casos mais. Agora, Aquino acaba de reconciliar-se com seu ex-companheiro da chapa na campanha política de 82 e voltou para a Prefeitura. Esse retorno é importante para a administração tanto na parte técnica, onde o vice é especialista, mas também politicamente: com maioria na Câmara, vice ao seu lado e o grupo dos 5 pulverizado (veja a seguir) o prefeito da cidade pode encarar 85 sem os contratempos que a falta desses apoios lhe causariam. Consumada a reconciliação entre Waltely e o prefeito, ATO procurou o vice para uma entrevista, ao mesmo tempo em que marcou dia e hora com o prefeito para outra entrevista – os primeiros anos de seu governo, muito ruins, e o retorno de seu vice. Era, de fato, o momento de sentir as expectativas da Prefeitura diante do quadro favorável e, principalmente, avaliar se finalmente a cidade poderia esperar dias melhores, com obras e a presença real do Executivo no dia-a-dia de Mogi. Marcada a entrevista, o prefeito a cancelou, alegando compromissos de última hora, comprometendo-se ainda a marcar nova data, o que não aconteceu. Seria a oportunidade dele analisar e debater os seus primeiros dois anos, num debate democrático entre quem julga sua administração fraca e o outro lado, que procura dar pouca importância às críticas.

Quanto a Waltely, este furtou-se a um contato direto, preferindo a comodidade de uma entrevista onde recebesse perguntas por escrito – e também as respondesse. Assim, não houve o debate, mas ATO concordou com a exigência, porque de qualquer forma o ponto de vista do ex-prefeito deveria ser levado aos leitores, mesmo que o ambiente da entrevista não pudesse contar com o debate, com o “refrescar da memória” e as contestações. A seguir, as respostas do vice, que desviou-se de todas as perguntas, um balanço do grupo dos 5 (ex-oposição ao prefeito) que agora é de apenas 2, e um pequeno levantamento sobre os dois anos da atual administração.

ATO – Porque o senhor resolveu voltar às atividades de vice-prefeito?

WALTELY – Legalmente falando, o vice-prefeito não exerce cargo, apenas mandato. Sua missão é de substituir e suceder o prefeito. Só por força de expressão se pode falar em “cargo”. Não tem atribuições, nem outros



Machado e Waltely: juntos novamente

direitos, além dos mencionados. Goza de expectativa de direito. Essa expectativa transformar-se-á em direito subjetivo, quando ocorrerem os pressupostos para a substituição ou sucessão, razão pela qual não se pode falar em “atividades” de vice-prefeito, entretanto nada impede que este colabore, de forma ativa, com a administração, aliás o que é regra geral em todo o Estado de São Paulo.

ATO – Como o senhor se sente retornando?

WALTELY – Esta reconciliação entre mim e o prefeito Machado, após longo tempo em que estivemos distanciados, tem por escopo os interesses do município. A proposta básica é a participação do vice-prefeito na administração municipal. Sinto-me perfeitamente bem e satisfeito em poder colaborar para as possíveis soluções dos problemas de nossa cidade.

ATO – Como foram as negociações para o seu retorno e quais as pessoas que promoveram essa reconciliação?

WALTELY – Apenas amigos comuns cuidaram da reaproximação, motivo pelo qual, declinar nomes poderia redundar em omissões. **ATO** – Após os fatos desagradáveis que marcam a atual administração, como o *Mogigate*, a “Caravana das Indiretas”, o empréstimo em dólares, o senhor se sente à vontade ao reativar seu trabalho na Prefeitura?

WALTELY – Realmente, tais fatos não foram agradáveis para a atual administração. Entretanto, em cada episódio citado, procurei me colocar sempre numa posição de coerência, principalmente no que diz respeito ao Código de Ética Partidária e ao programa do PMDB. Todavia, o que deve ser compreendido é que prefeito e vice-prefeito são eleitos através de uma chapa única e indivisível e a tentativa para que haja uma harmonia administrativa é proces-

so normal num clima democrático. Esta nossa reaproximação não apaga os reflexos desagradáveis de tais acontecimentos e não modificam nossa postura anteriormente assumida, mas o que deve ser considerado, acima de tudo, são os interesses do município.

ATO – O senhor manteve um forte silêncio público sobre as atividades e decisões do prefeito, porém entre amigos mais íntimos sabe-se que sua reprovação era total. Como seus correligionários e amigos estão reagindo a esta reconciliação?

WALTELY – Não tenho sentido quaisquer reprovações por parte de correligionários e amigos, aliás tenho recebido diariamente incentivo por esta nossa atitude. O fato de divergir de algumas atividades e decisões assumidas pelo prefeito, não deve ser considerado “reprovação total”.

ATO – Nas negociações que antecederam sua volta o senhor obteve do prefeito garantias de que fatos passados não tornarão a se repetir?

WALTELY – Em qualquer fato político-administrativo existe sempre a teoria do risco. É muito difícil prever o imprevisível. Cada um é sua própria consciência, entretanto com referência aos interesses coletivos, devemos pensar sempre de forma positiva e isto vale para a tentativa de se realizar algo em benefício comum.

ATO – Sua volta teria o sentido de evitar acontecimentos desagradáveis para a cidade?

WALTELY – Segundo declarações do próprio prefeito, a colaboração do vice-prefeito junto à administração municipal, será a de “um conselheiro de importância muito especial”. O poder de decisão é única e exclusivamente do prefeito, pois o cargo por ele assumido constitui um centro de deveres, obrigações, responsabilidades, atribuições, facultades, prerrogativas e direitos. Ao investir-se na Prefeitura assume jurídica e moralmente um compromisso de bem servir à causa pública municipal.

ATO – Na Prefeitura existe uma espécie de assessor especial com grande poder de influência, o vereador Ivan Siqueira. Como o senhor vê a atuação do vereador e como será seu relacionamento com ele?

WALTELY – O concurso de “assessor”, conseqüentemente, depende da escolha do prefeito. Se o vereador Ivan Nunes de Siqueira é “uma espécie de assessor especial” e possui poder de influência, é prova de que como político, conseguiu espaço. Somente, no futuro, é que poderemos analisar e aquilatar sua atuação. No momento, qualquer opinião seria prematura, mesmo com referência ao nosso relacionamento.

ATO – Sua participação no PMDB sempre foi ativa e marcadamente crítica à administração, tanto que no episódio do empréstimo em dólares o senhor foi favorável ao fechamento de questão, fazendo inclusive um pronunciamento contra um relatório do Ciesp, que servia de argumento para o pedido do empréstimo. Como foi sua posição dentro do partido e como a direção do PMDB recebeu a notícia de seu reatamento com o prefeito?

WALTELY – Nossa posição assumida no episódio do “empréstimo em dólares” continua a mesma. Nossa experiência junto à administração do estado, por muitos anos, não aceita que esse encargo seja assumido por qualquer administração municipal.

ATO – Durante seu afastamento da Prefeitura o senhor continuou a receber sua verba de representação?

WALTELY – As verbas de representação são estabelecidas pela Câmara até o término da legislação para vigorar na seguinte, consoante Lei Orgânica dos Municípios. Ao vice-prefeito, sua concessão depende unicamente da Câmara e não estabelece qualquer restrição. É atribuída ao vice-prefeito em decorrência de seu mandato. Assim é lógico que nunca deixamos de receber. Seria o mesmo que indagar do vice-presidente da República se ele deixou de receber subsídios ou verba de representação, a partir do momento que começou a participar da Aliança Liberal.

ATO – Quais foram os motivos que o levaram a sair da administração?

WALTELY – Conforme é de conhecimento de todos, anteriormente exercíamos as funções de coordenador. Divergências administrativas provocaram nosso afastamento. •

ADMINISTRAÇÃO

Sem festas

Governo completa dois anos e balanço continua ruim

Para uma cidade que se encheu de esperanças e expectativas diante do que parecia ser o início de uma grande reviravolta com a vitória da oposição nas eleições passa-

das, os dois últimos anos foram de decepção e – pior ainda, de estagnação. Neles não se assistiu à apresentação de nenhum grande projeto administrativo, a conclusão de nenhuma grande obra ou tão pouco de um grande momento político. Não há motivos para festas e comemorações.

Ao contrário, os dois últimos anos chamam a atenção muito mais pelo oposto das afirmações que o prefeito Antonio Carlos Machado Teixeira fazia logo após ser eleito e nos primeiros meses de seu mandato, quando prometia mudanças radicais, alterações marcantes e uma administração verdadeira do município. O que aconteceu no primeiro ano a cidade bem conhece: uma avalanche de demissões no seu escalão direto – as primeiras logo no segundo mês – e uma guerra de forças nos bastidores que, antes de terminar tristemente no *Mogigate*, levou para longe nomes de importância no PMDB local, inclusive o vice-prefeito Waltely Aquino de Oliveira.

Em 83, além do entra-e-sai sem fim nas secretarias municipais, causando problemas diretos à cidade, que não sabia mais a quem se dirigir, quase nada marcante e bom aconteceu, com exceção dos projetos culturais como Adoniran Barbosa, Elias Birmack, Cacilda Becker, implantados pelo secretário Armando Sérgio, da Cultura, um dos poucos que não caíram. O povo teve um Carnaval mais animado na Píntureiro Franco, mas o ano passou sem que seus problemas mais graves fossem resolvidos – ou que um plano de governo concreto tivesse início.

A tormenta do *Mogigate* fechou o ano de 83 e 84 começou com poucas esperanças para a

população, que assiste, até hoje, impassível e impotente, o vai e vem de secretários, assessores e vereadores na expectativa de que as coisas se acertem e que, finalmente, a cidade retome seu desenvolvimento. No ano passado, Mogi das Cruzes recebeu o Projeto Tabor, uma iniciativa idealizada para integrar jovens à agricultura, inaugurou a Casa da Juventude, o Centro Esportivo de Braz Cubas, construído através do Cura conseguido na administração anterior, os postos médicos de Sabaúna e Biritiba Mirim e pôde voltar ao Parque Municipal. Foi pouco para 365 dias.

A cidade teve a lamentar a interdição da Mogi-Bertioga; o desperdício de Cr\$ 250 milhões pagos a uma firma que estudaria viabilidades na obtenção de recursos para realização de obras, plano que desembocaria no absurdo empréstimo de 10 milhões de dólares, depois rejeitado pela Câmara; o desencontro de informações sobre os critérios para majoração das tarifas de ônibus; e por fim o desmoronar dos planos que incluíam a implantação de tróleibus, construção de um perimetral e a canalização do rio Negro, também foi muito pouco para 365 dias – muito pouco para os 220 mil habitantes da cidade. O ano terminou novamente em vermelho.

Agora, numa cômoda posição política interna, está na hora de o prefeito olhar para o município, que ele prometeu administrar como ninguém até então havia conseguido. Para isso, é bom que consiga logo ganhar a confiança do governador Franco Montoro, pois sem a ajuda do Estado...

•
Vanice Assaz



HOTEL BINDER MOGI DAS CRUZES

O Binder-Mogi lhe oferece todo o conforto de um hotel 3 estrelas: 65 apartamentos equipados com TV a cores, frigobar, telefone, frequência modulada com 3 canais e 9 suítes finamente decoradas, com ar condicionado.

O hotel dispõe ainda de garagem privativa, sala de estar, snack-bar, cabelereiro, salão de beleza e diversas boutiques com variada gama de finos artigos para presentes.

Rua Deodato Wertheimer, 1413 - Centro
Mogi das Cruzes - Fone (011) 469-6611 - SP

*** Hotel Binder - São Bernardo do Campo - SP
*** Samambaia Hotel - Goiânia-GO
*** Hotel Concord - Campo Grande-MS

**O único hotel classe "A" entre
São Paulo e São José dos Campos**

STRUTETO COMÉRCIO DE COBERTURAS E ESTRUTURAS METÁLICAS LTDA.

galpões
estruturas metálicas
armazéns
ginásios
marquises
portas de correr
fachadas
plataformas
mezzaninos
estufas
silos
torres
portões

Estrada Sta. Catarina, Km 7
(ao lado da Granja Anita)
Cézar de Souza – Mogi das Cruzes
Tel. 469-9480

Os 5 que são 2

O grupo dos 5 perde força e vai para o lado de Machado

A pesar de os vereadores peemedebistas que integram o chamado grupo dos 5 negarem que esteja havendo uma cisão, os indícios de uma separação são evidentes entre Romildo Campelo, José Carlos de Souza, José Antonio Cuco Pereira, José Antonio Caria e Miguel Sanchez – os dois últimos os únicos que parecem permanecer unidos na linha de oposição que escolheram. As divergências de opinião entre os integrantes do grupo vem sendo notadas desde o final do ano passado e a maior demonstração da separação do grupo aconteceu no início deste ano, quando foi lançado um panfleto criticando o aumento abusivo das tarifas de ônibus urbanos. O protesto teve apenas as assinaturas de Sanchez e Caria.

Embora José Antonio Caria tenha declarado que não convidou o vereador José Carlos para assinar o panfleto, argumentando que apenas comentou o assunto “e como ele não se manifestou, não o convidei”, o líder da bancada peemedebista Miguel Sanchez garante que Caria conversou com José Carlos e este disse que não assinaria por questões pessoais, afirmando que não brigava mais “com os Eroles e nem com ninguém”. Sanchez comentou ainda

algumas atitudes de José Carlos, “que apesar de ter sido proibido de entrar na *Rádio Metropolitana*, juntamente com os demais integrantes do grupo”, tem participado de programas da emissora, “além de ter integrado a comitiva de Machado que foi ao Rio participar da festa pela vitória de Tancredo na Cinelândia. Sanchez diz ver a atitude do vereador com preocupação. “Além de arredio, ele me parece muito preocupado com a imagem, pensando que não tem um eleitorado que já sabe o que quer”. José Carlos de Souza admite que precisa do prefeito, justificando: seu eleitorado é de periferia. E não nega



Miguel Sanchez e Figueiredo Caria: ainda juntos

que esteja mantendo um bom relacionamento com o prefeito. Sobre o panfleto, esclarece: “Tem coisas que o vereador precisa conseguir do prefeito. Eu não assinei porque já sabia que a passagem ia ser baixada e eu estou numa boa

com o Machado, vou me queimar porque?”. O vereador, no entanto, acredita que essa mudança “fica ruim para mim” e ressalta que apesar do bom relacionamento, pode manter “uma postura de oposição, se for necessário.”

Quanto a Romildo Campelo, tanto Caria como Miguel confirmaram que não o convidaram para assinar o documento pelo fato de Campelo ter ficado contra o fechamento de questão decidido pelo PMDB sobre o empréstimo ao Exterior de 10 milhões de dólares. Romildo defende-se: não assinou o panfleto dos ônibus por não ter sido procurado. Mas garante

que seu relacionamento é o melhor possível com o grupo dos 5 e criticou o transporte urbano, lamentando: “Enquanto não for prefeito não posso mudar nada”.

Apenas a posição de Cuco foi resguardada por Sanchez e Caria. Eles acharam melhor poupá-lo de assinar o panfleto por estar concorrendo à presidência da Câmara. Cuco garante que o grupo dos 4 (ele não considera Romildo como membro) continua firme. “A oposição é necessária quando houver um fato concreto que venha contra os interesses da comunidade. Como representante do povo temos de manter contatos políticos com o Poder Executivo”, explica. Assim, o grupo dos 5, que já foi dos 4 e dos 3 agora é de apenas 2.

informe publicitário

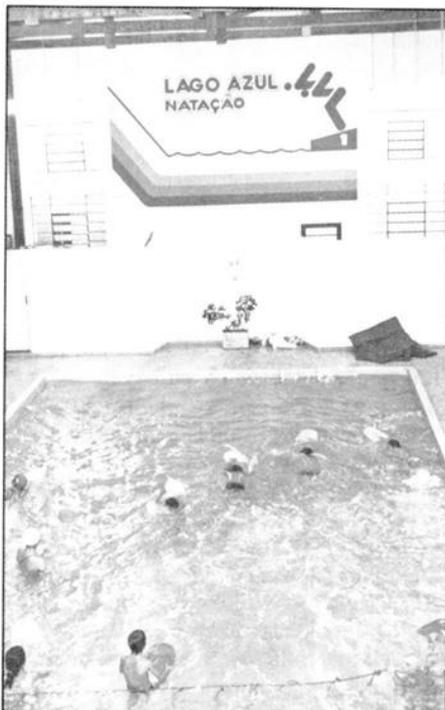
Natação: esporte, terapia ou recreação?

Com qualquer destas três propostas, a natação é uma atividade muito indicada. Como esporte, por ser o mais completo, desenvolvendo e ativando cada parte do organismo. Como terapia, tratando tanto da saúde mental quanto física, pois a concentração necessária ao nado faz com que o indivíduo relaxe e se desprenda, e os exercícios trazem resultados altamente positivos em problemas da coluna, respiratórios, musculares e outros, sendo indicados inclusive para gestantes. Como recreação, nada melhor que uma atividade saudável.

É lógico que recomenda-se esta prática desde que acompanhada por profissionais capacitados.

Atendendo a todos estes fins, foi criada em Mogi a **LAGO AZUL - NATAÇÃO**, uma escola de natação completa que em apenas três meses de funcionamento já aparece como a melhor da região.

Muito bem localizada (à **rua Dr. Paulo Frontin, 349** com **telefone 460-1166**), a escola demonstrou preocupações com os mínimos detalhes, necessários ao bom aprendizado e aperfeiçoamento da



natação. A começar por seus proprietários, o professor de Educação Física da UNIMEP Walter Luiz Valerini e o clínico geral Dr. José de Moura Campos Neto, que voltam seus conhecimentos educacionais e médicos para benefício dos alunos.

Sua equipe de professores e auxiliares, que diga-se de passagem é de altíssimo nível, é coordenada pela professora Rosana Ono de Sousa, ex-campeã brasileira de natação na classe universitária.

A piscina térmica e coberta foi também necessária, pois além de manter a temperatura sempre confortável (32° a 34°) durante todas as estações do ano, permite à escola funcionar com o horário bastante elástico: **das 06:15 às 22:00 de segunda a sexta-feira e, aos sábados, das 06:15 às 18:15.**

Os cursos vão da iniciação para bebês, com todo o material didático exigido, ao estágio pré-atleta, estendendo-se ao condicionamento físico, para aqueles que desejam manter a boa forma.

A **LAGO AZUL - NATAÇÃO** tem sempre uma turma especial para você, seja qual for a sua idade, saiba nadar ou não.

A folia, segundo seu rei

João Benegas Ortiz sobe ao trono do Carnaval pela 35.ª vez

Seu reinado já dura 35 anos. E hoje, pesando 125 quilos, o mogiano João Benegas Ortiz, 65 anos, considera-se um veterano em matéria de Carnaval, com vários troféus e boas horas de folia pelas avenidas e clubes de Mogi. Sua atuação, contudo, não se restringiu somente ao comando dos carnavais mogianos. Em 1957, já empossado Rei Momo, assumiu na Câmara Municipal a primeira suplência após a licença do então vereador Jacob Lopes, na época filiado ao Partido Republicano Trabalhista (PRT).

Dono de restaurantes e bares em Mogi e São Paulo, Benegas Ortiz foi sempre "um bom folião" e já aos 15 anos engrossava cordões e blocos carnavalescos, chegando a participar das cortes de seus antecessores, tocando tamborim. Pouco tempo depois, o cetro e a coroa do Momo passaram às suas mãos, fazendo dele hoje o Rei Momo mais antigo do país.

As vésperas de mais uma metamorfose que a cada ano o coloca na linha de frente da folia mogiana, João Benegas Ortiz falou a **ATO** sobre o assunto de sua especialidade: o Carnaval.

ATO – O que significa para o senhor o Carnaval?

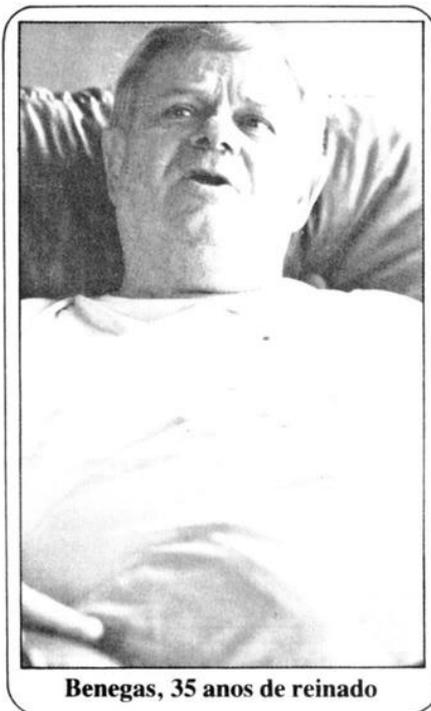
BENEGAS – É uma festa popular onde todos esquecem seus problemas e dificuldades, a opressão que sofrem durante o ano inteiro. É no Carnaval que ocorrem todos os desabafos.

ATO – O que é exatamente o Rei Momo?

BENEGAS – Bem, o Rei Momo é como o chefe de uma organização, podemos até dizer de uma democracia. Ele é o chefe da folia. Simboliza o Estado Maior dos foliões.

ATO – Como o senhor resolveu ser o "chefe da folia", o Rei Momo?

BENEGAS – Porque sempre gostei do Carnaval e dele participei desde a época em que não existiam ainda as grandes escolas de samba, apenas cordões e pequenos blocos. Não foi necessária muita insistência para que um grupo de amigos, do qual apenas o radialista Roberto da Silva é vivo, lançassem um movimento elegendo-me Rei Momo de



Benegas, 35 anos de reinado

Mogi.

ATO – Acompanhando o Carnaval mogiano há mais de três décadas, quais as mudanças ocorridas. O antigo era melhor?

BENEGAS – Antigamente o Carnaval era uma festa familiar, onde brincavam juntos apenas os amigos, primos e irmãs. Não havia preocupação com fantasias. Bastava improvisar e vestir um terno ao avesso ou mesmo uma roupa feminina. Hoje o Carnaval é planejado, é uma arte. As escolas tentam a cada ano aprimorar suas apresentações. Por isso é um carnaval caro. Conheço ambos - o antigo e o atual - e tenho que admitir minha preferência pelos carnavais passados, pois era jovem e tinha forças para brincar as quatro noites sem descanso. No entanto, os tempos mudaram e o carnaval também se modernizou.

ATO – E as rotineiras discussões entre as escolas perdedoras e vencedoras, que se repetem a cada ano?

BENEGAS – Vejo com naturalidade toda a balbúrdia em torno da escolha do vencedor. A luta para vencer leva os concorrentes a se aprimorarem cada vez

mais. Isso é válido. Não podemos criticar a polêmica ocorrida aqui, pois em grandes centros existem problemas semelhantes. Os ânimos se exaltam e as paixões, naturalmente, não deixam ninguém conformar-se com a derrota.

ATO – Hoje, muita gente chega até a dizer que o Carnaval brasileiro transformou-se num produto de exportação. O senhor concorda?

BENEGAS – Sim, concordo. Veja bem: o Carnaval tornou-se uma festa luxuosa e, portanto, cara, promovida para a venda aos turistas estrangeiros. Como se costuma dizer - é um espetáculo "para gringo ver". Contudo, atualmente o Carnaval é dispendioso, é indispensável que sua promoção se volte para o turismo que, certamente, irá gerar divisas para o país.

ATO – Com isso o Carnaval perde seu sentido original de uma grande festa popular...

BENEGAS – Não acho que ele perca o princípio de festa popular, porque considero popular um acontecimento onde todos brincam, independentemente de cor, raça ou posição social. Agora, é lógico que não se realiza um Carnaval sem recursos, e é justamente aí que entra a importância do turismo.

ATO – A política e o Carnaval misturam-se? O que o senhor acha?

BENEGAS – A política é, sem dúvida, a mola propulsora do país. Está presente em tudo, no esporte, na religião e por que não no Carnaval? Os dois sempre se misturaram, sobretudo em períodos antecedentes às eleições, quando os políticos tiram proveito da situação em benefício de seus interesses eleitorais.

ATO – O senhor teria alguma sugestão a fazer em relação a organização do Carnaval em Mogi?

BENEGAS – Acho que seria importante a adoção de medidas que possibilitassem uma descentralização da folia, espalhando-a pelos bairros e distritos da cidade. Hoje, só consegue ver e participar da festa quem pode vir até a avenida onde são realizados os desfiles. Essa descentralização proporcionaria, com certeza, um Carnaval mais animado. ●

Denise Caboclo

A ROTA DO SOL

SANTA MARIA VIAÇÃO LTDA.

Ribeirão Pires
Mauá
Sto. André
São Bernardo
Santos
São Vicente

Biritiba Mirim
Salesópolis
Casagrande
Guararema
Jacareí
S.J. dos Campos
Taubaté
Aparecida
Caçapava



FRETAMENTOS E VIAGENS ESPECIAIS

R. Dr. Campos Sales, 382 - Fones 469 3688 e 469 3788 Mogi das Cruzes - SP



Quem vai crescer com a gente?

O Bamerindus é o mais jovem dos grandes bancos particulares do país. Quem sabe não é essa a mais importante razão para seu crescimento.

Presente em 23 estados, 1 território e no Distrito Federal, possui hoje a 3.^a maior rede de agências bancárias do setor privado e uma sólida estrutura financeira, que se construiu em apenas 31 anos.

Primeiro banco a chegar a 430 cidades no interior, o Bamerindus viu de perto as necessidades do homem do campo, deu apoio a milhares de pequenas e médias empresas urbanas, conquistou a confiança de 2.514.000 correntistas. Sua caderneta de poupança ultrapassou 1 trilhão de cruzeiros em depósitos, graças à fidelidade de 6 milhões de clientes. A Bamerindus Cia. de Seguros lidera o quarto maior grupo segurador do país.

Na era eletrônica, o Bamerindus interliga por computador agências de grandes centros, implanta terminais de caixas e de clientes, lança o Banco 24 Horas - que não fecha nunca.

A idéia é continuar crescendo, em quantidade e qualidade. Intensificar o treinamento de pessoal, modernizar as agências, desenvolver novos produtos e serviços, atender melhor, agilizar os bons negócios.

Se é isso que você espera de um grande banco, venha crescer com a gente.

Abra uma conta no Bamerindus.

 **Bamerindus**
O Banco da nossa terra